

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO  
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**HUGO PEDRO SILVA DOS SANTOS**

**O SERTÃO ALAGOANO RESSIGNIFICADO NA TV**

**Delmiro Gouveia  
2021**

**HUGO PEDRO SILVA DOS SANTOS**

**O SERTÃO ALAGOANO RESSIGNIFICADO NA TV**

Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação do Professor Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho, apresentado à Banca Examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão.

**Delmiro Gouveia**  
**2021**

**Catálogo na fonte  
Universidade Federal de Alagoas  
Biblioteca do Campus Sertão  
Sede Delmiro Gouveia**

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S237s Santos, Hugo Pedro Silva dos

O sertão alagoano ressignificado na TV / Hugo Pedro Silva dos Santos. – 2021.

90 f. : il.

Orientação: Ismar Inácio dos Santos Filho.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2021.

1. Linguística aplicada. 2. Sertão alagoano. 3. Nordeste. 4. Reportagem televisiva. 5. Ressignificação. I. Santos Filho, Ismar Inácio dos. II. Título.

CDU: 81'276

## FOLHA DE APROVAÇÃO

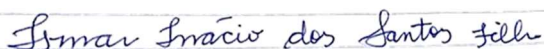
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

**Hugo Pedro Silva dos Santos**

Discente da UFAL - Campus do Sertão

**DATA DE AVALIAÇÃO: 18/01/2021**

### BANCA EXAMINADORA



**Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho** – Orientador  
(UFAL-Campus do Sertão)



**Profa. Dra. Débora Raquel Hettwer Massmann** – Avaliadora Interna  
(UFAL-Campus do Sertão; PPGLL).



**Prof. Me. Daniel Alves dos Santos** – Avaliador Externo  
(Seduc-AL)

Delmiro Gouveia - AL  
18 de janeiro de 2021

Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei.  
Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda sabe.  
Só umas raríssimas pessoas.

Guimarães Rosa

## AGRADECIMENTOS

À UFAL, pela oferta da bolsa de iniciação científica no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC 2019-2020, 2020-2021), que me permitiu adquirir livros e a ter acesso, sobretudo, aos processos de pesquisa que subsidiam todo este trabalho e aos meus modos de enxergar criticamente o mundo e os usos linguístico-discursivos que o constroem.

Agradeço imensamente à minha família, à minha mãe, Gilvanete Maria, e ao meu Pai, Pedro Elias, que, apesar de todas as suas dificuldades, ofereceram-me toda a possibilidade de estudar, conhecer e compreender que somente mediante o estudo pessoas pobres podem “ascender”, não em termos materiais, mas em termos de compreensão de mundo.

À(o)s amigo(a)s da UFAL, Campus do Sertão, e em especial às minhas companheiras do Grupo de Leitura em Estudos da Infância.

À(o)s amigo(a)s do Grupo de Estudos em Linguística Aplicada em Questões do Sertão Alagoano (GELASAL), coordenado pelo Professor Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho, em especial a Jéssica Santos Cavalcanti, Mariana Galdino Santana e Thiago da Silva Lima, pessoas com as quais aprendi e aprendo imensamente no processo construtivo de construção de conhecimento que fazemos nesse Grupo.

A minha querida amiga, Evellyn Ferreira de Souza, por estar comigo em praticamente todos os momentos da graduação, escutando-me e me apoiando incondicionalmente.

A Jerfferson Batista Rocha e Izângela Silva, por compartilharem conversas e momentos de muito afeto, que contribuíram, também, para meu crescimento profissional e pessoal.

Por último, e não menos importante, agradeço ao meu orientador e amigo, professor Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho, por todas as orientações, conselhos, conversas e alertas, questões e afetos, que não me permitem traduzir em poucas palavras a imensa gratidão que carregarei para o resto de minha vida.

## RESUMO

Aos deparamos com enunciações que possuem o sertão/Nordeste/Semiárido como (suposto) referente, logo recuperamos uma série de arquivos e memórias imagéticas que remetem a uma territorialidade inóspita, a um calor calcinante e à pobreza extrema, e demais estereótipos construídas historicamente, a partir do final do séc. XIX, sobre o que hoje conhecemos como Nordeste, mais precisamente a partir da intitulada “grande seca”, de 1877 a 1879. Apesar disto, enunciações, que estão numa cadeia discursiva, são passíveis de retratações, rasuras ou ressignificações, que, em relação a essa territorialidade, podem ser percebidas, por exemplo, a partir do surgimento de uma nova matriz discursiva pautada na convivência com o Semiárido/Sertão. Nesta senda, objetivamos, neste trabalho, compreender como “outro” sertão é construído enunciativo-discursivamente na TV e perceber quais regularidades linguístico-discursivas e semióticas estão presentes num texto jornalístico televisivo. Ou seja, intentamos compreender que mundo de significações é proposto sobre o sertão alagoano, entendido aqui como ressimbolização, tomando como *corpus* de análise uma reportagem de TV intitulada “Veja a dica de um passeio imperdível pelo sertão alagoano”, da TV Gazeta, Alagoas, em 2016. Esse texto pertence à “comunicação cotidiana”, que é extremamente rica em conteúdo, inicialmente porque entra diretamente em contato com processos produtivos, depois por se relacionar com várias esferas ideológicas, reverberando propostas discursivas das mais variadas, que podem possuir “poder vinculante” junto à interlocução, instaurando, a partir disso, realidades, construindo o mundo de significações. Essa pesquisa está baseada nos pressupostos da Linguística Aplicada indisciplinar, área dos estudos linguístico-discursivos preocupada em elaborar inteligibilidades acerca da vida social, dialogando com o paradigma epistemológico interpretativista. Na indisciplinaridade, agenciamos saberes dos estudos da Geografia e da História, realizando uma leitura enunciativo-discursiva, a partir da noção de uma “etnolinguística da fala viva”. A pesquisa está referenciada teórico-metodologicamente em Albuquerque Jr. (2011, 2014, 2017 e 2019), Bakhtin/Volochinov (2011 [1931], 2019 [1929]), Moita Lopes (2006), Signorini (1998) e Schistek (2017), dentre outro(a)s. Os resultados apontam para a construção de uma nova matriz discursiva em torno do sertão. A reportagem televisiva refrata e rivaliza enunciativo-discursivamente com o sertão estereotipado, à medida que implica, para esta territorialidade, através dos processos de nomeação e adjetivação, novos elementos climáticos, a exemplo, de um *sol preguiçoso* e de um *frio cortante*, questões que produzem e estruturam o *passeio* enunciado como *imperdível*.

**Palavras-chave:** Sertão; Nordeste; Convivência; Ressimbolização; Reportagem.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Quem mais precisa de água?.....	15
Figura 02 - Narrativas contemporâneas da “seca”.....	16
Figura 03 - Sertão sofisticado.....	18
Figura 04 - Um Sertão imperdível.....	20
Figura 05 - Scenas e aspectos do Ceará, do Norte, em 1875.....	37
Figura 06 - Mapa político República Velha.....	40
Figura 07 - Nasce o Nordeste.....	42
Figura 08 - Semiárido brasileiro.....	46
Figura 09 - Perfil de Audiência TV Gazeta de AL.....	58
Figura 10 - O verde do sertão.....	59
Figura 11 - A introdução e a neblina do passeio imperdível.....	61
Figura 12 - Situando geograficamente Água Branca – AL.....	64
Figura 13 - O Sol preguiçoso e a neblina no Sertão.....	64
Figura 14 - Apesar do frio cortante, um passeio imperdível.....	67
Figura 15 - “de sertão a deserto”.....	68
Figura 16 - A ciência, o clima e um “outro” sertão.....	70
Figura 17 - Noites geladas, aquecidas por fogueiras.....	71
Figura 18 - O turismo de vivência e os novos roteiros culturais.....	73
Figura 19 - O sertão e o tempo que parece não ter passado.....	74
Figura 20 - Atrativos do passeio imperdível.....	76



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 01</b>	10
INTRODUÇÃO	10
<b>CAPÍTULO 02</b>	22
LINGUÍSTICA APLICADA, TEORIZAÇÕES E PROCESSOS DE (DES)APRENDIZAGEM	22
2.1 Redescrições em curso: paradigmas epistemológicos frente a uma LA indisciplinar	22
2.2 A LA e as contribuições do Círculo de Bakhtin: noção de língua[gem] e sujeito.	27
2.3 Teorizações e a produção de conhecimento em LA no/sobre o Nordeste	30
<b>CAPÍTULO 03</b>	34
A INVENÇÃO DO “SERTÃO	34
3.1. O “sertão” e as configurações de sentido em torno da “seca”	34
3.2. O projeto regionalista: rapto do sertão e o contraste “centro x periferia”	40
3.3 História recente, crise identitária e a reinvenção do sertão	46
<b>CAPÍTULO 4</b>	50
O SERTÃO ALAGOANO RESSIGNIFICADO NA TV	50
4.1 Aspectos teórico-metodológicos	52
4.2 No Sertão, o passeio imperdível	55
4.2.1 Um passeio imperdível em cenas	56
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	80
<b>REFERÊNCIAS</b>	84

## CAPÍTULO 01 INTRODUÇÃO

**E**studar sobre “Linguística Aplicada” (doravante LA), área dos estudos linguísticos e discursivos, no 5º período do curso de Letras da UFAL – Campus do Sertão, com o professor doutor Ismar Inácio dos Santos Filho, foi a possibilidade de perceber que a vida de significações, uma realidade inteligível, mesmo que provisória, é construída e estruturada na/pela língua(gem), em diferentes textos, em diferentes gêneros do discurso, nos processos interativos, dialógicos.

Logo, ao deparar com a disciplina LA, fora-me despertada a vontade de pesquisar nessa área de estudos, que é interessada nas práticas discursivas e suas imbricações determinantes com as práticas sociais. Assim, ao final do ano de 2019, manifestei interesse em participar do Grupo de Estudos em Linguística Aplicada em Questões do Sertão Alagoano (GELASAL), no qual são realizados estudos e discussões que focalizam discursos, usos da linguagem pelos sujeitos, que tenham o sertão/Nordeste/semiárido como (suposto) referente, refletindo acerca de normatividades e/ou ressimbolizações em torno dessa territorialidade, ressimbolizações aqui compreendidas como ressignificações que apontam para refratações, em sentido bakhtiniano, de discursos hegemônicos que foram construídos sobre o espaço (e sujeitos) sertanejo/nordestino, atribuindo-lhe novos sentidos.

Das discussões desenvolvidas no GELASAL, em especial no ciclo PIBIC 2019-2020, surgiu uma série de produções acadêmicas que dialoga com os objetivos do Grupo, a exemplo da escrita, em coletividade, do artigo intitulado “Tessituras enunciativo-discursivas sobre a chuva (no sertão): da morte à vida, no ‘Inverno’, de Jorge de Lima” (SANTOS, LIMA, CAVALCANTI e SOUZA, 2020), que fora submetido e aceito para publicação na revista “Caburé – Saberes Acadêmicos Interdisciplinares”, da UFAL – Campus do Sertão. Essa produção surgiu a partir das discussões sobre o papel da literatura na construção discursiva sobre a seca, seus elos com correntes estético-literárias e a implicação de sentidos sobre a territorialidade, sobre o clima. A escrita contribuiu significativamente para percebermos as peculiaridades da escrita em um gênero textual recorrentemente utilizado para divulgação de pesquisas científicas e que dispõe de prestígio na academia, o artigo acadêmico.

Há de se destacar, também, a participação no Programa de Monitoria *On-line* (UFAL), no período de quarentena, em virtude da pandemia da Covid-19. Essa atividade, por exemplo, objetivou, de forma geral, fazer compreender os significados de Sertão/Nordeste/Semiárido em gêneros discursivos diversos e em diferentes esferas da comunicação humana, refletindo acerca das possíveis implicações nas relações estabelecidas pelos sujeitos com o território, seu

povo e seus modos de ser e viver. Nessa perspectiva, a proposta desenvolvida, considerando a importância das redes sociais para disseminação de conhecimento em período de isolamento social, perpassou pela realização, dentre os meses de maio e junho de 2020, de 04 (quatro) *lives* (transmissões ao vivo) na plataforma/site de *streaming YouTube*, no Canal “Conversas Questões de Linguagem”, acessível no link <https://www.youtube.com/channel/UCYLEXPcgoLrFWlzeb1sITJw>.

Essas transmissões forjaram um bloco de discussões sobre a construção enunciativo-discursiva sobre o sertão, a saber: a) Linguística Aplicada e a concepção acerca de língua(gem), práticas discursivas e sociais; b) Surgimento e situação histórica de discursos sobre a “seca”; c) a participação da Literatura na construção e perpetuação de estereótipos sobre território e o povo sertanejo; e) A re-enunciação discursiva que apresenta novos olhares sobre o sertão em uma perspectiva de convivência com esse espaço. Deste modo, as *lives* tiveram as seguintes temáticas: 1) Linguística Aplicada e estudos das práticas discursivas sobre o sertão; 2) O discurso do camponês do final do século XIX sobre a seca; 3) A Literatura da seca; e 4) Novas narrativas sobre o sertão. Esta atividade contribuiu de forma determinante para minha vida acadêmica, pois, inicialmente, precisamos aprender e planejar como seria a entrega dos conteúdos propostos em um gênero discursivo até então não presente no contexto acadêmico. Posteriormente, refletir sobre erros, acertos e escrever, de forma crítica, acerca da atividade desenvolvida.

Ainda com relação às *lives*, escrevemos, a convite da Pró-reitoria de Graduação (PROGRAD), um resumo expandido intitulado “Estudos Linguístico-discursivos de Práticas discursivas sobre o Sertão/Semiárido/Nordeste” (SANTOS FILHO, SANTOS e CAVALCANTI (2020), texto no qual relatamos a experiência de desenvolver a monitoria *on-line* e que fora publicado no “Ebook Monitoria UFAL: conectando experiências”, sob a organização da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD).

Ainda no período de isolamento social, a coordenação do curso de Letras da UFAL-Campus do Sertão, ofertou uma série de conferências *on-line* à comunidade acadêmica, com temas e áreas de estudos relevantes para a Linguística e a Literatura, e com o objetivo profícuo de promover a disseminação de conhecimento, evidenciando a importância da Universidade para a sociedade. As conferências foram realizadas no *Instagram*, com falas sempre realizadas pelo(a)s professor(a)s do curso de Letras e mediadas por discentes, egressos ou não, do curso de Letras da UFAL-Sertão. Nesta ocasião, tive a grata oportunidade de ser convidado pelo meu Orientador, Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho, para fazer a mediação de sua fala, intitulada “O Sertão/Nordeste em discursos – relações entre práticas

discursivas e sociais”, realizada no dia 30/06/2020, que versou sobre a construção de sentidos, em textos cotidianos, tais quais capas de revistas, anúncios e etc., sobre a territorialidade e a imbricação determinante entre usos linguísticos e práticas sociais, tecendo reflexões acerca da pandemia do novo coronavírus e a (re)construção de sentidos sobre o Nordeste/Sertão, tomando como materialidade a manchete “*Os retirantes do Coronavírus*”, pensando-a a partir de categorias como temporalidade constitutiva de palavras e a noção de performatividade, baseando-se em Judith Butler, por exemplo.

Posteriormente à realização da conferência, meu orientador novamente me convidou para construirmos um produto das discussões realizadas, o que resultou na escrita do texto “As palavras na berlinda: “Os retirantes do coronavírus” / “O novo êxodo nordestino” [o linguístico, o histórico e o geográfico, no político]” (SANTOS FILHO e SANTOS, 2020), publicado na obra “Estudos de práticas de linguagem em tempos de pandemia”, sob a organização de Rita de Cássia Souto Maior e Lorena Borges, que objetivou problematizar o entendimento das palavras como apenas “etiquetas” para determinados sujeitos, espaço geográfico, o Nordeste/Sertão, e suas ações, na direção de que tais palavras seriam nomes específicos/verdadeiros que apresentariam uma verdade-representação da região e seu povo, tomando como escopo as palavras/expressões “retirantes” e “êxodo nordestino”. Nessa perspectiva, há o “estranhamento” da participação da revista “*Época*”, em suas palavras, na sua composição linguístico-discursiva e semiótica, numa cadeia discursiva atual, que corrobora e, sobretudo, compõe um projeto de sentido sobre o Nordeste e o(a) nordestino(a)s. No texto, há o agenciamento de saberes da História e da Geografia, visando compreender como se forjam sentidos, uma temporalidade constitutiva na qual está indexada à palavra “retirantes”, por exemplo, uma série de dados históricos que reverberam nas escolhas lexicais da revista em questão.

Por fim, houve a participação do GELASAL no primeiro Congresso Nordestino de Linguística Aplicada (I CONELA), em 20/11/2020, no qual realizei, em parceria com meu orientador e a companheira de estudos Jéssica Santos Cavalcanti, a apresentação oral do trabalho denominado “Para além da seca: novas narrativas sobre o Nordeste/Sertão/Semiárido em reportagens”, no qual discutimos sobre o surgimento de novos discursos sobre o sertão, que constituem novos sentidos sobre a territorialidade, sentidos que se afastam das estereotípias que forjam o sertão enquanto inóspito, por exemplo.

Assim, podemos perceber que os trabalhos realizados corroboram com os objetivos do GELASAL, que está preocupado com normatizações ou ressignificações em práticas discursivas e sociais que supostamente tenham como referente o Sertão/Nordeste. Podemos

depreender, também, que o gênero discursivo reportagem, escrita ou em vídeo, tem sido um terreno fecundo para surgimento de novas narrativas sobre o sertão, forjando-o, por exemplo, como “outro”, “sofisticado”.

Estas produções acadêmicas, tais quais um mosaico, preenchido não de elementos abstratos, mas concretos, relacionados à vida, à criação de inteligibilidades sobre a vida, se entrelaçaram e me estruturaram identitariamente enquanto sujeito, e sobretudo, enquanto pesquisador iniciante, fazendo-me compreender as demandas e a conjuntura da atividade acadêmica em suas especificidades e complexidades, nas quais, dentro do processo de graduação, devem estar ocorrendo, em paralelo, a convivência com a pesquisa científica. Posso afirmar, sem sombras de dúvidas, que aprendi mais em um ciclo PIBIC do GELASAL, do que em alguns semestres, cujos conteúdos não mantiveram contato com a vida, com as demandas sociais, mas com abstrações de um objeto linguístico tomado enquanto residual, puro.

No GELASAL, tive também a grata oportunidade de fazer parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC ciclos 2019-2020 e 2020-2021, sendo nesse último apenas no primeiro semestre), no projeto denominado “O Sertão re-enunciado: faça chuva ou faça sol, há vida”, com o plano de trabalho individual “O Sertão Alagoano ressignificado na TV”, que objetivou, dentro do escopo geral do projeto, compreender como o sertão/semiárido/nordeste é reconstruído discursivamente na TV, intentando, também, de que forma essa reconstrução ocorre e que mundo de significações são forjados nas respectivas materialidades. Nesta senda, no decorrer do trabalho são/foram desenvolvidos estudos sobre a esfera jornalística a partir dos pressupostos da enunciação concreta e da concepção dialógica de linguagem, pautando-se nos pressupostos de uma “etnolinguística da fala viva”.

Nesse percurso de estudos, neste trabalho de conclusão de curso, faço um esforço de aprofundamento das discussões propostas no projeto, dialogando com pressupostos metodológicos e com os objetivos do plano individual, dos quais elenco: 1) compreender o discurso sobre outro sertão construído em textos na TV; 2) realizar estudos sobre a esfera jornalística; 3) analisar o discurso sobre outro sertão na mídia televisiva e 3) situar a seca como um fenômeno climático e histórico. Quanto aos pressupostos teóricos com os quais diálogo, destaco o paradigma epistemológico interpretativista e a LA indisciplinar, com demandas conceituais híbridas, assumindo a postura de uma “etnolinguística da fala viva”, como metodologia para geração de dados, análise e alcance dos objetivos

No decorrer dos ciclos no 2019-2020 e 2020-2021 (GELASAL/PIBIC), tive contato com processos teóricos e metodológicos que me subsidiam a ampliar o olhar e a aprofundar

discussões acerca do sertão, sobre noção de linguagem e a respeito de práticas discursivas que me permitem compreender o sertão/semiárido/Nordeste como “solo movente”, nos termos de Albuquerque Jr (2011). A partir da concepção bakhtiniana de linguagem, passei a compreender que enunciações/textos compõem redes, tessituras, elos discursivos que dialogam com a história, a sociedade e a cultura, operando para a construção do mundo de significações a partir de interações discursivas e possíveis refratações (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2018 [1929]).

Nesses estudos, compreendi que o discurso sobre a seca é construído historicamente, de tal modo que quando enunciamos as palavras “sertão”/“semiárido”/“Nordeste”, ou quando deparamos com tais palavras em diferentes textos, recuperamos, semanticamente, uma série de imagens estereotipadas acerca dessa territorialidade e, sobretudo, a respeito de seu povo e sua cultura, imagens forjadas no decorrer da história (ALBUQUERQUE Jr, 2011), através de práticas discursivas, nas diferentes esferas da atividade humana e em diferentes gêneros do discurso. Assim, a enunciação estereotipada, que caracteriza o sertão enquanto inóspito e precário, configura-se enquanto uma matriz hegemônica produtiva, que alimenta o conceito “sertão”/“Nordeste” e opera normativamente noções sobre o espaço e as vidas nele(s) residentes.

No decorrer do semestre 2019.2 realizamos justamente estudos para compreender a estruturação histórica e enunciativo-discursiva sobre a seca e acerca do Sertão/Nordeste, realizando alguns exercícios de análise, tomando como *corpus*, por exemplo, a imagem a seguir:

**JÁ PENSOU  
EM COMPRAR  
UMA ÁGUA  
QUE TAMBÉM  
AJUDA  
QUEM MAIS  
PRECISA DELA?**

QUANDO VOCÊ COMPRA AMA, É ISSO QUE ACONTECE.

100% do lucro de AMA vai para projetos de acesso à água potável em 9 comunidades no interior do Ceará e Piauí.

Até agora, AMA já reverteu mais de um milhão de reais. São milhares de pessoas beneficiadas todos os dias.

Tudo transparente e verificado por uma das auditorias mais conceituadas do mundo: a KPMG. E dá pra acompanhar todo o processo em tempo real no site [www.agueama.com.br](http://www.agueama.com.br)

AGUA MINERAL NATURAL  
ambever  
**ama**  
FONTE SÃO JOSÉ DO VALE  
SEM GÁS  
500 ml

Figura 01 - Quem mais precisa de água?  
Fonte: Revista IstoÉ, 2018

Como resultados sucintos das análises feitas à época, pudemos perceber que a propaganda, um enunciado, que ocorre de um “eu” para um “outro”, o “eu” estando, neste caso, para a empresa AMBEV, que busca interpelar este outro, sujeito de classe média que consome folhetins jornalísticos pagos mensalmente e que pode comprar uma água envasada

em garrafas de vidro (o que revela refinamento e maior preço do produto), para que em um ato performativo, comprem “AMA”. Para tal, a propaganda se vale de estratégias linguístico-discursivas, pautada, por exemplo, em discursos que apelam à emoção e a compaixão social, ao afirmar, por exemplo, que: “100% do lucro de AMA vai para projetos de acesso à água potável em nove comunidades no interior do Ceará e Piauí”, para pessoas *que mais precisam de água*, argumentos que buscam, assim, justificar, ante ao leitor, à leitora, a necessidade da compra do produto em questão.

No semestre 2019.2, também realizamos um exercício de análise de uma propaganda veiculada em redes de televisão e em redes sociais do Governo do Estado de Alagoas, que versa sobre a suposta mudança trazida pela ação governamental de projetos que propiciaram acesso à água à parte da população alagoana, através de todo um projeto narrativo, com escolhas semióticas de imagens estratégicas, conforme podemos notar na imagem a seguir:



Figura 02 - Narrativas contemporâneas da “seca”  
Fonte: Governo do Estado de Alagoas, 2018.

Na propaganda governamental, as cenas trazem uma criança negra como protagonista, num cenário que remete à determinadas geografias do sertão alagoano. Focaliza na aridez, vegetações típicas e a suposta “evidente” falta de água. Conforme algumas considerações realizadas à época, a cena e o cenário utilizado imprimem a sensação de pobreza por parte da



vivência da criança, seja pela estrutura simples da casa, seja pela ausência de maiores refinamentos no decorrer da construção da cena discursiva. O discurso, de cunho político, apropria-se do conceito da “seca” e de sua construção discursiva, construindo uma narrativa que se filia, por exemplo, à estrutura da denominada, criticamente por Albuquerque Jr. (2017), “literatura das secas”, idealizada há 144 anos através de um projeto político-literário proposto por Franklin Távora em “O Cabeleira”, de 1876, projeto que serviu de base para o regionalismo e logra êxito, na propaganda do Governo do Estado de Alagoas.

Assim, ambas as propagandas, impressa e televisiva, compõem uma estrutura discursiva que visa a manutenção de discursos acerca do Sertão/Nordeste e as noções de seca, especialmente a propaganda do Governo Estadual de Alagoas, que se valeu das demandas históricas da sociedade e da falta de oferta de políticas públicas, conforme Nascimento (2018), para manter a população sob “o jugo” do discurso em torno da “seca”. Ainda acerca dessa propaganda televisiva, podemos perceber a tentativa de manter uma estrutura narrativa em torno da “seca”, a exemplo dos resultados apontados nos estudos realizados por Dantas (2020), que, ao analisar matérias jornalísticas de um jornal do estado do Ceará, percebe que toda a estruturação da reportagem visa fazer entender junto à interlocução que o Ceará e a seca do Ceará de 1915 seria o mesmo e a mesma de 2015, 100 (cem) anos depois.

Nesse sentido, apesar de todo o poder e intenção de manter a matriz discursiva hegemônica em torno da seca por parte de alguns órgãos e organizações jornalísticas e políticas, estes discursos são passíveis de refrações, recategorização e ressignificações, por parte de sujeitos que são responsivos e que podem ou não tomar como válidos determinados sentidos. Assim, a linguagem é movente, da mesma forma que discursos sobre o sertão/Nordeste, por mais estratificados que sejam, são passíveis de mudança e, sobretudo, de construir um “novo” sertão, um “novo” Nordeste. Nesta perspectiva, interessa-me, neste trabalho, compreender como um outro sertão ganha vida justamente em uma matéria jornalística, gênero discursivo que está presente no cotidiano e atinge grande número de pessoas, reverberando, sobretudo, projetos discursivos e performativos que buscam ter poder vinculante junto à audiência.

Frente a essas aprendizagens e dialogando com Albuquerque Jr. (2020), destaco que a pesquisa aqui desenvolvida tem ampla conexão com minha existência, pois compreendo que à medida que se atribuem sentidos ao território em que resido, tais sentidos também repercutem nos sujeitos viventes nesta região, haja vista que, de acordo com Silva (2003), territórios, corpos e identidades se constroem em simbiose, na e pela língua(gem), nas práticas discursivas e sociais. Desta forma, o que fazemos no GELASAL e o que faço neste trabalho

são gestos de pesquisa-vida, a exemplo do segundo trabalho apresentado no I CONELA, em parceria com meu Orientador, denominado “Sob lentes queer: a performatividade e a (re)significação da(s) masculinidade(s) nordestina(s) no longa-metragem Boi Neon (2015)”, no qual discutimos sobre masculinidades no Nordeste, tomando o objeto fílmico enquanto um grande enunciado que dialoga com cadeias discursivas sobre o Sertão/Nordeste e que trata, tematicamente, sobre um nordeste contemporaneizado, sobre a noção de uma masculinidade nordestina que se distancia da noção do “cabra macho” , tal qual podemos verificar nas imagens a seguir:



Figura 03: Sertão “sofisticado”

Fonte: Folha de São Paulo, 10 de fevereiro de 2016.

Assim, tendo como interesse também as masculinidades nordestinas, pudemos, no decorrer desse estudo, perceber que a narrativa fílmica possui, de fato, como conteúdo temático a cultura nordestina, dialogando com a memória social, ao mesmo tempo em que se distancia do Nordeste reacionário, das noções de “cabra macho”, que é importante de ser estudado muito pelo fato de repercutir projeto discursivo que dissolve (ALBUQUERQUE Jr., 2017), em alguma medida, a noção de Nordeste arcaico, que repercute nos modos de ser e viver dos sujeitos, que a partir do filme têm contato com um “sertão sofisticado”, pois o protagonista do enredo, um vaqueiro de curral, trabalha diretamente com moda, com sutilezas de ordem estética, como é possível ver nas cenas destacadas anteriormente.

Nesse contexto, estar vinculado aos pressupostos da LA é de suma importância, pois estamos tratando da produção de conhecimento conectada à vida, estamos tratando de uma

Linguística crítica (RAJAGOPALAN, 2003), que problematiza práticas discursivas e a linguagem em uso. Há de se destacar ainda acerca da LA argumentações de Signorini (1998), ao afirmar que a língua enquanto o objeto dessa área de saber é um objeto complexo, pois não é abstrato e está vinculado diretamente a redes discursivas permeadas por fatores sociais, culturais e históricos, o que demanda e tem ensejado pesquisas em perspectivas transdisciplinares/indisciplinares.

Neste trabalho, está, portanto, assumida uma postura de LA indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), na qual é realizado o agenciamento de saberes da História, da Geografia e da “Linguística”, para compreender, por exemplo, como o encontro entre o linguístico, o histórico e o geográfico forjam os sentidos da região Nordeste e, especificamente, do sertão alagoano, na compreensão de que uma “região” é um “solo movente” (ALBUQUERQUE Jr., 2011), conforme já argumentamos anteriormente. Assim, agencio saberes de Albuquerque Jr (2011, 2014, 2019), para compreender como se constroem historicamente as noções sobre o “rpto do sertão”; de Bakhtin/Volochinov (1928 [2018]), sobre a enunciação concreta e a noção dialógica de linguagem; e de Schistek (2017), para compreender a perspectiva de convivência com o semiárido e os saberes geográficos e territoriais produzidos acerca disso, discussões que estão nos capítulos 2 e 3 desse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Nessa proposta de estudo, proposta analítica, tomo como *corpus* do estudo uma reportagem veiculada na TV Gazeta de Alagoas, do grupo Globo de televisão, em seu jornal da 1ª Edição, no dia 11 de julho de 2016, intitulada: “Veja dica de um passeio imperdível pelo Sertão Alagoano”, tendo como título auxiliar “A repórter Catarina Martorelli mostra um passeio surpreendente para quem tem interesse por história e pela natureza”, conforme chamada da matéria a seguir:



Imagem 04 - Um sertão imperdível  
 Fonte: TV Gazeta de Alagoas, 2016

Nesta perspectiva, objetivo compreender como o discurso sobre “passeio imperdível” e “passeio surpreendente” forja um “outro sertão”, construído na TV, abordagem que aparece nesse TCC no capítulo 4. Para isso, realizo estudos sobre a esfera jornalística e reflito sobre o discurso da “seca”, sobre políticas públicas e a respeito dos modos de ser e viver nesta territorialidade. Objetivamos, de forma geral, compreender como o Sertão/Nordeste é enunciativo-discursivamente (re)construído num gênero discursivo na TV, interpretando que mundo de significados é forjado sobre o sertão alagoano.

O procedimento de análise é enunciativo-discursivo, a partir dos pressupostos do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2018 [1929]), a partir do qual compreendo que a reportagem televisiva é um enunciado, um texto, que parte de um “eu” (emissora de TV) para um “outro” (telespectadores), que possui intencionalidades significativas (CHARAUDEAU, 2006), assim como o próprio gênero discursivo midiático-jornalístico, que possui suas especificidades, seus objetivos, estando, também, permeado por ideologia, que constroem a significação, constroem e indexam dadas realidades a partir de seu dizer.

Compreendo que este trabalho é relevante e significativo para a academia, primeiro pela posição identitária de sertanejo, universitário e pesquisador iniciante que produz, em coletividade, conhecimentos, o que por si só revela um distanciamento de um Sertão retrógrado e que não seria capaz de chegar à modernidade. Posteriormente, é importante por criar inteligibilidades sobre práticas discursivas e sociais acerca dessa territorialidade, em um período histórico de densas e profundas transformações sociais que demandam (re)narração

sobre si (MOITA LOPES, 2006). Considero, também, que a pesquisa contribui para a área de estudos a qual me filio, a LA indisciplinar, corroborando pressupostos teóricos e metodológicos a partir de uma “etnolinguística da fala viva”, de uma Linguística conectada com a vida.

Ademais, trato, no capítulo 2, acerca dos constructos teóricos e metodológicos que têm norteado a pesquisa em LA na contemporaneidade, fazendo uma reflexão conceitual a partir das considerações de Moita Lopes (1998; 2006; 2013), Fabrício (2006), Signorini (1998) e Santos Filho (2012; 2017; 2020), dentre outros, articulando estes saberes para pensar a noção de pesquisa em LA e seu objeto de estudos. No capítulo 3, discuto sobre a “invenção do Sertão”, realizando um percurso histórico para compreender como o sertão é “raptado” de todas as províncias do país, ainda ao final do séc. XIX, para pertencer tão somente às províncias do Norte e, posteriormente, às zonas limítrofes do que se passou a nomear de Nordeste brasileiro.

Nas considerações finais faço breve retrospectiva do que fora abordado no decorrer do trabalho, apontando para resultados que foram obtidos na pesquisa e a relevância social que tal pesquisa possui para dissolver o conceito de “Sertão”/“Nordeste” caricato, reacionário, conservador e, sobretudo, estereotipado.

## CAPÍTULO 02 LINGUÍSTICA APLICADA, TEORIZAÇÕES E PROCESSOS DE (DES)APRENDIZAGEM

**E**ste capítulo objetiva discutir conceitualmente a LA, pressupostos teóricos que norteiam a pesquisa e a produção de teorizações nesta área dos estudos linguístico-discursivos, que busca ter conexão e elaborar inteligibilidades sobre a vida. Assim, mobilizamos saberes, especialmente de Moita Lopes (1998, 2006, 2013), para pensar uma LA indisciplinar, a partir de constructos de teorização que operam no bojo das transformações sociais contemporâneas, promovendo processos de desestabilização e desaprendizagens de saberes consolidados historicamente, conforme argumenta Fabrício (2006). Dialogamos ainda com Signorini (1998), Rajagopalan (2003) e Dantas (2020), para pensarmos a necessidade de processos de pesquisa críticos e problematizadores nos estudos em língua(gem).

Nesse sentido, problematizar inclui também tecer considerações acerca do que se tem discutido sobre a LA, por exemplo, nesta última década. Ademais, neste capítulo, trato sobre a concepção de língua(gem) e sujeito para o Círculo de Bakhtin e a LA, o que contribui de forma determinante para compreender a estruturação linguística do(s) enunciado(s), mas também para perceber que os processos de significação não se concluem na materialidade, no arranjo linguístico-estrutural da enunciação, dos textos, assim como estes são determinantes para construir o mundo inteligível, a “realidade”.

### **2.1 Redescrições em curso: paradigmas epistemológicos frente a uma LA indisciplinar**

A ciência, conforme afirma Bachelard (1934), é construída através de rupturas epistemológicas. Conforme explica, ao contrário do que se pensou acerca da historicidade da produção de conhecimento, galgada sobretudo no racionalismo cartesiano, no ideal cientificista e no positivismo, a ciência não é constituída a partir de um processo cumulativo, mas sim a partir de rupturas e descontinuidades, que representam um novo espírito científico, que deve, na mediação natureza, cultura e sociedade, atender demandas de uma sociedade permeada por profundas e densas transformações nas formas de estar dos sujeitos no mundo, na sociedade.

Nesta perspectiva de ruptura, Rajagopalan (2019) argumenta acerca da necessidade de estudos linguístico-discursivos críticos e problematizadores, não voltados somente para descrição ou aplicação da teoria linguística, ou mesmo dos avanços teóricos obtidos, mas para estabelecer relações com a vida, com a sociedade, pressupondo que, a medida em que

determinados conteúdos são pensados e problematizados, surgem, também, possibilidades de abalos à estratificação sócio-discursivas consolidadas historicamente, a exemplo das noções de sertão/Nordeste/semiárido como “espaço seco”, conceito construído e alimentado historicamente pelas práticas de discurso imbricadas às práticas sociais, conforme já apontei, minimamente, no capítulo 1, nesse estudo.

Assim, pensar em LA na modernidade recente, na contemporaneidade, é pensar justamente em redescrições e mudanças fundamentais na área (MOITA LOPES, 2006; 2013; FABRÍCIO, 2006), sobretudo se pensarmos as (novas) formas de produzir conhecimento que abalaram bases epistemológicas das ciências sociais e humanas, tanto nos aspectos teóricos quanto nos aspectos metodológicos, questões que contrastam e criticam formas modernistas de produzir conhecimento, pressupostos advindos das viradas pós-estruturalistas disruptivas com o sistema cartesiano/positivista, que instaura, ou tenta atingir, “verdades inabaláveis”, pressuposto fundamental da ciência moderna inaugurada pelo modelo cartesiano.

Nesse sentido, no bojo das viradas pós-estruturalistas e do distanciamento da ciência moderna, que significa dizer modo de produzir conhecimento quantificável, experimental, generalizável, universal e objetivo, que preconiza a separação do sujeito e do objeto, e ainda promove o apagamento do sujeito social, a exemplo dos estudos linguísticos modernistas, que consideram a língua como objeto autônomo em detrimento da vida, a LA, nas últimas décadas no Brasil, considera fundante a subjetividade, ou mesmo a intersubjetividade, compreendendo que os sujeitos se constroem nas interações e nas práticas de linguagem, o que torna inseparável o sujeito e o objeto de pesquisa, que se ergue na ideologia, nos valores do(a) pesquisador/pesquisadora. Assim, nestes pressupostos, o sujeito social e seus usos linguístico-discursivos, em contraposição ao idealismo moderno, passam a ser o cerne, o foco central de atenção, em seus atravessamentos como raça, cor, gênero, sexo e território, ao focalizar a imbricação entre práticas discursivas e sociais (MOITA LOPES, 1998; 2013; 2006).

Dada essa compreensão, a LA não preconiza e não está à procura de generalizações ou verdades inabaláveis. Ao contrário, toma como enfoque situacionalidades de natureza ética, as particularidades, as fragmentações, as regularidades discursivas, mas não preocupada com generalizações substanciais (MOITA LOPES, 2013). Assim, a LA, no Brasil, preconiza por pressupostos qualitativos de pesquisa, buscando desvelar e compreender as especificidades da linguagem em uso, das práticas de discurso em diferentes gêneros e esferas da atividade humana, o que demanda uma abordagem através do paradigma epistemológico interpretativista, o que significa dizer, conforme Bortoni-Ricardo (2008), uma busca pelo mundo partilhado de significações que estão imbricadas, invariavelmente, às práticas sociais,

compreendendo que “realidades” são forjadas nos usos da linguagem por parte dos sujeitos. Dessa maneira, o pesquisador/pesquisadora e sua empiria possuem papel fundamental nos gestos de interpretação, pois estes estarão mobilizados pelas experiências, arcabouço teórico e intersubjetividades/subjetividade dos sujeitos.

Nessa perspectiva de pesquisas acerca de condições situadas de produção de discursos e subjetividades, podemos citar como exemplo pujante o GELASAL, grupo de pesquisa situado ao alto sertão alagoano, que busca problematizar e compreender práticas discursivas e sociais situadas, em tempo e espaço, que possuam o sertão/Nordeste/Semiárido como possível referente. Imbricado nestas questões, também partilho do Grupo e revérbero, neste trabalho e nos demais que já citei, destes interesses, aqui precisamente para compreender como (e se) estão forjado(s) outro(s) sertão(ões), mais precisamente o alto sertão alagoano, e que (novos) sentidos estão sendo (construídos) atribuídos à região, aqui compreendida enquanto solo movente.

Nessa tessitura de abordagens e paradigmas epistemológicos, a LA, enquanto área dos estudos linguístico-discursivos, promove interfaces e avança sob zonas limítrofes e fronteiriças do conhecimento, não dialogando somente com estudos em linguagem, mas com áreas afins, tais como com a Sociologia, a História, a Psicologia etc. Assim, a pesquisa em LA é realizada, conforme Signorini

Graças aos agenciamentos, no sentido foucaultiano do termo, e às clivagens produtoras de curto-circuitos que abrem para o novo e o possível, tais constructos passam de instrumento a objeto de reflexão, sempre prestes a diferirem, a se transformarem, quando não a se racharem completamente em função de questões e interesses novos e específicos”. (SIGNORINI, 1998, p. 90).

Desta forma, para Signorini (1998), a LA é uma área de estudos transdisciplinar que intersecciona e permeabiliza conhecimentos de diferentes áreas em deslocamentos de métodos que reconfiguram o campo epistemológico, promovendo, por exemplo, novos instrumentos de reflexão, de teorização, abrindo margem para o novo.

Na mesma direção, Moita Lopes (2006) propõe e reivindica uma LA indisciplinar, ou seja, uma LA que não deve ser compreendida como disciplina arraigada nos limites teóricos que pressupõem a própria circunscrição teórica disciplinar, mas que, diferentemente, necessita ser entendida como uma grande área de estudos que deve ser responsiva e trazer respostas à sociedade contemporânea, que está em profunda transformação. Assim, esse linguista aplicado defende, também, uma LA híbrida/mestiça, aquela que opera na indisciplinaridade,



no agenciamento de diferentes saberes, de áreas que contribuam para dar conta de um objeto de pesquisa permeado por complexidades. Desse modo, por exemplo, nos pressupostos da transdisciplinaridade/indisciplinaridade, ao tratar sobre o sertão, invariavelmente, há a demanda de agenciamento de saberes da História e da Geografia, buscando compreender, conforme Albuquerque Jr. (2011), como o encontro entre o linguístico, o histórico e o geográfico constrói sentidos sobre essa “região”.

Esses pressupostos foram utilizados para a escrita do texto “Os Retirantes do coronavírus” / “o novo êxodo nordestino” [o linguístico, o histórico e o geográfico, no político]” (SANTOS FILHO e SANTOS, 2020), subsidiando teoricamente a análise para compreender como questões históricas reverberam e estão recuperadas enunciativo-discursivamente nas “escolhas” linguístico-discursivas situadas em diferentes textos, fornecendo subsídios para compreender como estão sendo forjados sentidos sobre sujeitos e sobre a região demarcada geograficamente.

Nestes pressupostos, o objeto de pesquisa da LA, para Signorini (1998), é complexo, múltiplo, híbrido e não residual, o que significa dizer que a LA, como área de estudos que se debruça sobre a linguagem e práticas sociais, busca compreender a linguagem real, falada por falantes reais, em práticas reais, específicas e situadas, não entendendo a língua enquanto autônoma ou transparente, mas como pertencente a uma rede de elementos culturais, históricos, sociais e ideológicos que se entrelaçam às práticas de discurso. A exemplo, podemos citar o trabalho de Dantas (2020), que, ao tomar como *corpus* analítico reportagens televisivas, compreendendo que a língua(gem) está a uso dos sujeitos, fornecendo indícios a serem captados para a produção de sentidos, percebe que as reportagens analisadas reproduzem discursos estruturados historicamente sobre a seca, filiando-se e dando vida à cadeia discursiva de estigmatização do fenômeno climático das chuvas irregulares, nomeado miticamente enquanto “seca” (SISTEK, 2017). Neste sentido, as reportagens analisadas por Dantas (2020) apresentam regularidades discursivas que recuperam tecidos, elos discursivos do regionalismo, dando vida, ou buscando alimentar e forjar, o sertão do Ceará em 2015, como o mesmo de 1915, o mesmo proposto por Rachel de Queiroz no romance regionalista, filiado à literatura das secas, em “O Quinze”, de 1930.

Nessas considerações, a LA toma a língua em uso como objeto de estudos e a compreende como complexa, passando a linguagem a ser entendida “como atividade, como sistema de ações simbólicas realizadas em determinados contextos sociais e comunicativos, que produzem efeitos e consequências semânticas convencionais” (FABRÍCIO, 2006, p. 57). Assim, conforme Moita Lopes (2006), esse objeto de pesquisa complexo, não residual e

híbrido, deve ser construído de forma que a LA possa ser responsiva e tenha algo a dizer sobre/para a vida social, sejam nos processos de desaprendizagem (FABRÍCIO, 2006) ou nos processos de renarração da vida social (MOITA LOPES, 2006), demandados por uma sociedade fragmentária submersa em profundas e profusas transformações, nas diferentes esferas da atividade humana.

A partir dos estudos do GELASAL, compreendemos que a “seca” ou processos de irregularidades de precipitação, mais que um aspecto climático é uma construção discursiva e social. Mas, como isto é reproduzido enunciativo-discursivamente na contemporaneidade? O trabalho de Santos (2019), tal como o de Dantas (2020), nos é didático para percebermos como tais construções são recuperadas e reproduzidas socialmente em textos/enunciações que aparentemente passam despercebidas no dia-a-dia, mas que constituem as práticas sociais de modo performativo, à medida que, conforme Santos (2019), vídeos pessoais postados no *Youtube*, tendo como o enredo a reação à chuva que cai no sertão, atualizam e recolocam em circulação discursos que servem de subsídio para a estereotipia desse território a partir do clima. Desta forma, percebemos que o trabalho desenvolvido pela pesquisadora, assim como pelo GELASAL, é importante, sobretudo, por elaborar conhecimento sobre a realidade, às práticas discursivas e sociais situadas ao Sertão/Nordeste, produzindo pesquisas responsivas às demandas contemporâneas, promovendo processos de renarração e desaprendizagens sobre a vida social, sobre os conceitos de “Sertão”/“Nordeste” e “seca”, por exemplo.

A LA, essa grande área de pesquisa, tem sido amplamente teorizada nas últimas décadas, apresentando-se como terreno fértil para a produção de conhecimento, mas não esquecendo que, nas palavras de Rajagopalan (2003, p. 13), “A ciência pensa a vida e, como tal, pensar sobre a vida não elimina pensar em vida”. Assim, conforme orienta Moita Lopes (2006, p. 104), compreendemos que “é tempo de reinventar a vida social”, através de uma LA conectada e sendo relevante para compreender a vida em sociedade, para elaborar inteligibilidades sobre as práticas discursivas e sociais, nessa imbricação determinante que constrói o mundo de significações.

Nesta senda, entendendo a contemporaneidade como este tempo-espaço fragmentário, transformador e movente, a LA me serve de subsídio teórico-metodológico para ser responsivo ante demandas de compreensão da vida social e, sobretudo, compreender como o Sertão/Semiárido/Nordeste tem sido enunciado, ou ainda, como tais enunciações podem construir ou constroem outro sertão, atentando-se aos mecanismos que estão implicadas linguístico-discursivamente a esse processo.

## 2.2 A LA e as contribuições do Círculo de Bakhtin: noção de língua[gem] e sujeito.

Ainda pensando a noção de ciência e de linguagem, nosso estudo em LA dialoga fortemente com Bakhtin/Volochinov (1929 [2018]) e com os pressupostos do Círculo de Bakhtin, sobretudo ao compreendermos que a comunicação se dá em processos interativos e dialógicos, através da enunciação concreta. Assim, ao compreendermos, conforme Signorini (1998), Fabrício (2006), Moita Lopes (2006; 2013) e Pennycook (2006), a linguagem enquanto ação e prática social, devemos entender que ela ocorre através da unidade real da comunicação discursiva, o enunciado concreto, que pode ser compreendido como um tipo relativamente estável de enunciado, como um evento único e irrepetível na cadeia de comunicação (BAKHTIN, 2011 [1919]), de forma que o(s) discurso(s) só pode(m) existir na forma de enunciados.

Acerca do conceito de “enunciado”, Brait (2016) argumenta que

Para que a ideia de contato entre textos não reduza a um confronto de materialidades, mas precisamente à inserção na cadeia discursiva da vida, o conceito de *enunciado concreto* foi elaborado pelo círculo, podendo, conforme explicitado acima, ser pensado como sinônimo, ainda não que perfeito, de texto. Isso se dá, porque, muitas vezes, para chegarmos a um *enunciado concreto* é necessário considerar vários textos ou sequências textuais. Esse é o caso, para dar um exemplo simples, de uma primeira página de jornal impresso. (BRAIT, 2016, p. 18-19).

Nesse aspecto, a LA dialoga com Mikhail Bakhtin também acerca da noção de ciência, pois para esse filósofo da linguagem “o objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado” (BAKHTIN, 2017, p. 59). Assim, pode-se perceber que, nessa abordagem, não há separação entre o sujeito e a língua, separação que só ocorre em processos de abstração ou na busca por purificação do objeto. Há, ao contrário, uma noção em que a língua e a vida estão determinadamente imbricadas.

Desta forma, não interessa aos estudos bakhtinianos, assim como aos estudos em LA, realizar descrições/análises linguísticas arraigadas no sentido científico moderno do termo, da língua enquanto *corpus* que demanda “autópsia”, mas “estudar a língua em sua integridade concreta e viva” (BAKHTIN, 2013 [1963], p. 181), concretude da linguagem que se dá justamente nos diferentes usos que os sujeitos fazem em seus processos interativos, que pressupõem a interlocução com o “outro” do discurso, que é constitutivo do dizer do “eu”, num processo interativo e dialógico. Falamos, então, de “ética”.

Há ainda que se destacar a concepção de que a língua(gem), posta aí nos diferentes textos (enunciado) e nas diferentes esferas comunicativas e gêneros do discurso, media a relação dos sujeitos com o mundo, configurando-se enquanto ferramenta dos sujeitos situados para lidar com a realidade e, sobretudo, construí-la em significações partilhadas e coletivas. Bakhtin (2013 [1963]) destaca que

Somente na comunicação, na interação do homem com o homem revela-se o “homem no homem” para outros ou para si mesmo. [...] Aqui o diálogo não é o limitar da ação, mas a própria ação. Tampouco é um meio de revelação, de descobrimento do caráter como que já acabado do homem. Não, aqui o homem não apenas se revela exteriormente como se torna, pela primeira vez, aquilo que é, repetimos, não só para os outros, mas também para si mesmo. Ser significa comunicar-se pelo diálogo. (BAKHTIN, 2013 [1963], p. 292-293).

Nesse sentido, podemos relacionar com o que Moita Lopes (2006) argumenta sobre a ética estar em efervescência nas ciências sociais e humanas, a fim de compreender como o poder estrutura significados, por exemplo, que causam sofrimentos. Logo, pensar no pressuposto ético abordado aqui é pensar, também, a noção de ética bakhtiniana, que implica diretamente a noção de sujeito, pois o sujeito dialético do dialogismo tem responsabilidade, é responsivo no processo interativo da comunicação, na medida em que o sujeito que fala, enuncia, demarca uma posição, uma diferença com relação ao “outro” do processo interativo, demarcando singularidade, que demarca a posição do sujeito na sua conjuntura sociolinguística, conforme argumenta Bohn (2013).

Desse modo, constitui-se o conceito de diferença de um “eu” que enuncia para um “outro”, que é co-enunciador, a diferença que implica numa noção de poder que esse “outro” ocupa na construção da diferença. Logo, a LA se debruça sobre as questões de poder e ética, compreendendo que as relações de poder se estruturam na/pela linguagem, operando para normatizar, para produzir hegemonias, ou ressimbolizar. Desta forma, a tarefa da LA é compreender como tais discursos se estruturam. A tarefa da LA é, portanto, propor uma agenda ética e esperançosa que suplante sofrimentos.

Há de se destacar que a noção de sujeito da LA também perpassa por compreender que os sujeitos são situados em determinadas conjunturas sócio-históricas, a um espaço-tempo, particular, interno, dos pensamentos, e ao mesmo tempo coletivo, que diz respeito às questões que o circundam, tal qual a cultura. Assim, o sujeito, pela perspectiva do dialogismo, ao enunciar nos diferentes gêneros do discurso o faz em determinado contexto que o situa, que o mobiliza/interpela para fazer tal ato. Pode-se dizer que o sujeito do dialogismo, da LA, é

povoado por discursos alheios e por relações interativo-dialógicas, que enuncia a um micro tempo, um tempo imediatista que passa rápido, relacionado a conjuntura do aqui e agora, mas que pode dialogar com um grande tempo, recuperando tessituras discursivas situadas na história (MIOTELLO, 2020).

Ao pensar a noção de sertão, ou mais precisamente a própria palavra “sertão”, por exemplo, podemos verificar que semanticamente em meados do séc. XIX, essa palavra ainda dispunha de sentido de “terras apartadas do litoral” e estava para todas as províncias. Todavia, ao final deste mesmo século, a palavra “sertão” passou a estar tão somente para as províncias do Norte, questão que será aprofundada no capítulo que segue. O que interessa, neste exemplo, é pensar como práticas de discurso situadas implementaram a palavra “sertão” uma temporalidade constitutiva, que alçou significação não somente à conjuntura situada do espaço-tempo do Brasil Império, mas adentrou num distanciamento temporal que ganhou permanência significativa de aproximadamente 144 anos, presente ainda através do entrelaçamento de vozes, da repetição, de maquinaria discursiva, nos usos discursivos contemporâneos, conforme podemos notar no que é apontado nos trabalhos de Santos (2019), Dantas (2020), Nascimento (2019) e Santos e Santos Filho (2020), por exemplo.

Desta forma, o enunciado, apesar de ser um evento único e irrepetível que constitui um novo acontecimento, emerge numa inter-relação discursiva, não sendo nem o primeiro e nem o último, se filiando e estruturando elos/cadeias discursivas, a enunciações já ditas, configurando redes discursivas que são recuperadas para confronto, aceitação, recusa e negação, por exemplo (SANTOS FILHO, 2017). Nesta senda, o sujeito faz uso da linguagem de forma responsiva ante o mundo, na medida em que o “outro” lança palavras no processo de diálogo, o “eu” dispõe da possibilidade de confronto ou aceitação discursiva e o faz citando, recuperando enunciações de cadeias discursivas, de modo que, ao pensar a noção de sujeito para o círculo de Bakhtin, há de se pensar em um sujeito povoado por vozes alheias, o que significa dizer, por exemplo, que ao lidarmos com uma reportagem televisiva, o “eu” institucional da emissora, enuncia, produz um texto verbal e multissemiótico, permeado por vozes alheias, por discursos extemporâneos, que aparecem atualizados ou mesmo ressignificados.

Ademais, Bohn (2013) argumenta que a concepção de linguagem bakhtiniana contribui para os estudos desenvolvidos em LA, tanto para pensar questões de ensino pautadas em questões éticas e na linguagem em uso nos diferentes gêneros do discurso, quanto para pensar as práticas discursivas e sociais que estão permeadas pela historicidade de vozes nos processos interativos que constituem a interlocução.

A partir dessa noção de sujeito, compreendemos que o sujeito faz uso da língua(gem) para atender a suas demandas comunicativas do cotidiano, nas diferentes esferas da atividade humana e gêneros do discurso. Desta forma, a linguagem em uso se configura enquanto uma ação discursiva que opera sobre o mundo social nas relações entre os sujeitos. Assim, a partir das ideias de Bazerman (2013), em diálogo com as ideias de Mikhail Bakhtin, podemos dizer que indexamos mundos de significação a partir dos nossos atos de fala, aos nossos enunciados, aos nossos textos, processo a partir do qual construímos o mundo de significações, a realidade provisória e discursiva, que pode ser refratada.

Ao fazer pesquisas como essa e compreender as intersecções entre a LA apresentada conceitualmente e a noção de língua(gem), vinculando-se aos pressupostos apresentados e ao GELASAL, percebo que, a partir de todas as produções coletivas já citadas, estamos sendo responsivos, lançando intervenções sobre o mundo, intervenções de ordem ética, que, em retorno a nós, modificam nossos modos de viver, promovendo abalos e desaprendizagens, sobretudo, nas formas de lidar e lançar olhares sobre o mundo, (re)teorizando.

### **2.3 Teorizações e a produção de conhecimento em LA no/sobre o Nordeste**

Teorizações, a criação de teorias epistemológicas, norteiam a produção de conhecimento nas diferentes áreas do saber. Assim, ante todo o exposto anteriormente, posso argumentar que a LA não é meramente consumidora da teorização produzida em outras áreas do conhecimento. Ao contrário, produz teorias e é pensada para lidar com os problemas sociais contemporâneos.

A investigação em LA, a partir de uma perspectiva transdisciplinar, conforme proposto por Signorini (1998), e indisciplinar, com Moita Lopes (2013a), está preocupada com “regularidades locais” e com as “relações moventes” direcionadas aos modos de funcionamento dos usos linguísticos nas práticas discursivas. Assim, instaura-se uma epistemologia de deslocamento, da busca, da lógica das multiplicidades, preocupada com incertezas da fronteira, o que lá é vivido, movendo-se em outra lógica, pensando o que não deveria ser pensado e fazendo o que não deveria ser feito (MOITA LOPES, 2013a).

Assim, ao pensar em regularidades locais, pode-se citar as discussões e produções realizadas no GELASAL, que estão preocupadas, justamente, com questões da territorialidade, das práticas discursivas, sociais e discursos que possuam como conteúdo temático o sertão/semiárido/Nordeste, que constroem o mundo de significações em torno da

região compreendida enquanto solo movente (ALBUQUERQUE Jr., 2011), significações essas que podem apontar para regularidades em torno da manutenção de discursos estereotipados, ou refratações, ressignificações que direcionam para novos sentidos sendo forjados sobre a região.

As regularidades que apontam para estereotípias podem ser verificadas, a título de ilustração, na pesquisa de Dantas (2020), trabalho no qual a pesquisadora constata, através do gênero discursivo midiático, mais precisamente reportagens televisivas, que a enunciação de uma instituição jornalística produziu, de forma determinante, elos na cadeia discursiva que inventou o Nordeste (ALBUQUERQUE Jr., 2011), construindo cenas a partir de escolhas de imagens, sons e termos que indiciam para a tentativa de caracterizar o sertão do séc. XXI como o mesmo proposto em Rachel de Queiroz, em *O Quinze* (1915), uma das obras regionalistas que contribuíram para a construção do conceito de Nordeste a partir da seca, da retirada e demais mazelas repercutidas, conforme já discutimos anteriormente. Como parte das estratégias mobilizadas, está a apresentação da casa onde viveu Rachel, assim como a realização do percurso do sertão do Ceará citado na obra, percurso no qual os repórteres buscam a todo tempo estabelecer correlações entre o microtempo de 2015, situado ao sertão do Ceará, e o macrotempo do sertão proposto por Rachel em “*O Quinze*”.

Nesse sentido, ao tratar sobre noções de centro e periferia, Moita Lopes (2013a) tece algumas considerações acerca das forças do norte, países como Europa, ou mesmo os Estados Unidos, que se inventam enquanto centro do mundo e relegam aos demais países o título de subdesenvolvidos, muitos dos quais foram colonizados e explorados através do imperialismo do norte global. Nessa discussão, é importante trazer tal menção, pois, a própria configuração das forças do norte interpõe processos de sofrimento, inclusive nos modos abstratos, essencialistas e deterministas de produzir conhecimento, pois a vida não entra em pauta. Assim, pode-se afirmar que enquanto o centro se formata enquanto a égide do poder, a periferia é apontada como subserviente, reacionária. Neste sentido, conforme argumenta Dantas (2020), ocorre um processo de colonização mental dos próprios sujeitos nordestinos/sertanejos, que muitas vezes introjetam um auto-ódio, reproduzindo e alimentando processos de estereotípias engendrados do centro e que configuram a periferia.

Por analogia das noções de centro e periferia, apontadas por Moita Lopes (2013a) podemos compreender que o sul do Brasil fora compreendido e formatado historicamente como o centro do país, como a proposta fiel da modernidade econômica, científica e cultural e em contraste o Nordeste brasileiro foi e é formatado como uma grande periferia reacionária, museificada e incapaz de chegar à modernidade e ao prestígio do centro (ALBUQUERQUE

JR., 2019). Ao final do séc. XIX, o projeto político-literário de Franklin Távora que lançou bases para o regionalismo, propôs no prefácio de “O Cabeleira”, 1876, que as províncias do Norte e os sujeitos viventes na região deveriam ser representantes legítimos da expressão nacional, na medida em que, ao tempo em que o sul está “corrompido” pelas modernidades e por decadências morais, o Norte se mantinha nas tradições, preconizando pela preservação de modos de existência arcaicos, galgados e interseccionados com a enunciada inospitalidade do espaço. A exemplo destas construções, cito fragmentos da canção “Xote dos Cabeludos”, de 1966, de Luiz Gonzaga, que trata sobre contraposições dos sujeitos do gênero masculino do Sul e do Norte, mas que são didáticas para pensarmos os contrastes geopolíticos.

Atenção senhores cabeludos  
Aqui vai o desabafo de um quadradão [...]

Cabra que usa pulseira  
No pescoço medalhão  
Cabra com esse **jeitinho**  
No sertão de meu padrinho  
Cabra assim não tem vez não  
Não tem vez não  
Não tem vez não  
José Clementino/Luiz Gonzaga, 1966.

Desta forma, pode-se perceber, pelo arranjo linguístico-discursivo, que “quadradão” está para sujeitos do gênero masculino nordestino. Acordante com a canção, o homem sertanejo/nordestino é opositor a modernidades que “desabonem” a “macheza”, ao contrário dos sujeitos do sul, que, conforme a canção, seriam “menos homens”, por utilizarem pulseiras, medalhas ou mesmo cabelos compridos. Estes aspectos podem ser simbólicos para percebermos que a partir destas relações centro x periferia estão definidos e foram definidos discursivamente o que se enuncia hegemonicamente acerca do Sertão.

Desta forma, o trabalho em LA tem se configurado enquanto insubmisso, rebelde e refratário das produções de verdades inabaláveis, engessamentos normativos e certezas (FABRÍCIO, 2006), a exemplo dos trabalhos desenvolvido no GELASAL por Cavalcanti (2020) e Lima (2020) que se debruçam sobre novos discursos sobre o Sertão, dissolvendo a noção determinista de Nordeste. Assim, a LA tem sido uma área fecunda dos estudos linguístico-discursivos, debruçando-se, também, nos processos de ensino e aprendizagem de línguas maternas ou adicionais, conforme o panorama apresentado no I Congresso Nordestino de Linguística Aplicada (CONELA), evento realizado dentre o período de 17 a 20 de



novembro de 2020, ou mesmo as discussões de Moita Lopes (2013b) ao tratar sobre as fotografias da LA no país. O CONELA teve como objetivo profícuo apresentar à comunidade científica as atividades realizadas no Nordeste, dentro do escopo da LA, buscando fomentar, também, o desenvolvimento da área de pesquisa na região, contribuindo para a formação humana e intelectual da comunidade.

Assim, não compreendo, ancorado nas teorias e teóricos apresentados, que a LA seja mera consumidora de teoria, pois, ao contrário, teoriza sobre processos teórico-metodológicos, sobre concepções linguísticas e filosóficas que se atentem às regularidades locais, às estratificações sociais originárias de hierarquias de poder. A LA se apresenta enquanto uma agenda de pesquisa ética e esperançosa. Ademais, pensar a LA indisciplinar e os pressupostos teóricos apresentados, implica em pensar uma linguística crítica voltada para questões práticas da sociedade. Estes paradigmas norteiam este trabalho, pois pensar o sertão/semiárido/Nordeste é uma tarefa urgente, em razão de que o sertão/Nordeste nasceu e é alimentado conceitualmente onde se encontram o linguístico, o histórico, geográfico e as relações de poder, questões que construíram e constroem noções sobre o povo e a territorialidade. Nesta senda, compreender como se formatam noções históricas sobre o sertão é fundamental em um processo de desaprendizagem.

## CAPÍTULO 03 A INVENÇÃO DO “SERTÃO”

No final do séc. XVII a palavra “sertão” apresentava aspectos semânticos outros. Conforme aponta o Vocabulário Portuguez e Latino (Volume 07: Letras Q-S), de 1720, a palavra “sertão” significava “região, apartada do mar, e por todas as partes, metida entre terras. *Mediterrania Regio*” ou então “O Sertão da calma. O lugar, em que faz mayor calma”. Assim, “sertão” estaria para todas as províncias da época, remetendo-se a terras interioranas, distantes das capitais, não sendo o clima, ou o que se compreende e constrói dele, um fator determinante para a definição de “sertão”.

Se assim o era, como a palavra “sertão” foi “raptada”, nas palavras de Albuquerque Jr. (2019), para determinado espaço do território nacional, o Norte, o semiárido, o Nordeste? Ou ainda, como a palavra “sertão” passou a carregar sentido de inospitalidade, de desordem e de impossibilidade de vida, tal como discutido em Albuquerque Jr. (2011; 2014; 2017; 2019), Dantas (2020), Teodoro (2019) e Nascimento (2018), por exemplo. Para algumas respostas, é importante nos remontarmos ao final do séc. XIX, período de profundas transformações sociais que contribuíram na reconfiguração dos contornos semânticos da palavra “sertão” e o que passou a ser compreendido sobre a região Norte, região semiárida brasileira, após esse período.

Neste capítulo, objetivo tratar sobre a (re)construção dos sentidos da palavra “sertão” e seu “rapto”, buscando compreender como se estruturou uma série de imagens partilhadas, que configuram esse espaço a partir de processos de estereotipia. É importante destacar que seguimos pressupostos propostos foucaultianos, citados por Albuquerque Jr (2017), ao realizar uma “arqueologia do conceitual”.

### 3.1. O “sertão” e as configurações de sentido em torno da “seca”

O Sertão, nos dias atuais, é compreendido como uma das quatro sub-regiões do Nordeste Brasileiro. Mas, ao falarmos em “sertão”, logo pensamos em “Nordeste” e “semiárido”, pois essas são palavras que mantêm relações endógenas e sinonímicas (ALBUQUERQUE Jr., 2011; 2017) e que propiciam a recuperação de sentidos forjados em torno do espaço sertanejo enquanto desordenado e inóspito.

Para essa reflexão, é importante antes esclarecermos que “região” aqui não é compreendida tão somente enquanto delimitação de zonas limítrofes territoriais, cujos sentidos são fixos, prontos, acabados e determinados a partir de configurações morfológicas e

climáticas, tal como já comentei em capítulos anteriores. Ao contrário, “região” é definida enquanto “solo movente”, pois entendemos que os sentidos sobre uma dada territorialidade, a exemplo do Sertão/Nordeste/Semiárido, são construídos através das práticas discursivas e práticas sociais, que implicam significações e alimentam características e similitudes que são compartilhadas pelos sujeitos (ALBUQUERQUE Jr., 2011). Assim, uma “região”, qualquer região, é uma invenção, construída na enunciação, na indexação de mundos de significações nos atos de fala (BAZERMAN, 2015), em imbricações com práticas sociais, que acabam, assim, configurando o espaço territorial enquanto arena de batalhas discursivas, disputas geográficas e, sobretudo, político-ideológicas, que instauram usos estratégicos de sentidos sobre dado espaço.

Assim, ao se discutir “sertão”, por exemplo, conforme Albuquerque Jr. (2011, p. 36), trata-se de “desnaturalizar a região, de problematizar sua invenção, de buscar sua historicidade, no campo das práticas e discursos”. Nesta senda, pensar a noção de “sertão”, deve perpassar, invariavelmente, por buscar sua historicidade, o que propicia compreender como a palavra “sertão” e o próprio território têm seus sentidos construídos e alterados no decorrer do tempo, da história, assim como se configura a rede de discursos dessa batalha territorial.

Conforme já discutimos, entre os séculos XV e meados do séc. XIX, “sertão” estava para todo o território das províncias nacionais, era justamente as terras apartadas do mar, dos litorais. Todavia, ao final do séc. XIX, o Brasil passou por uma série de densas e profundas transformações sociais, dentre as quais, a pandemia de varíola, a mudança de eixo econômico das províncias do Norte para as do Sul, a chegada do capitalismo e, confluindo com tudo isso, a estiagem que ficou historicamente conhecida como “a grande seca” do Norte, entre os anos de 1877 e 1879.

Nesse cenário, a “estiagem”, denominada de “seca”, aparece como questão central para reconfiguração da noção de “sertão”, inicialmente porque a “estiagem” passou a ser enunciada, pelos camponeses e camponesas pobres nortistas, como a culpada pela desordem, pelos problemas de ordem social e econômica, fruto de “uma visão tradicional” dos sujeitos habitantes das zonas interioranas das províncias do Norte, que conviviam secularmente com a estiagem, conforme discute Albuquerque Jr. (2014). Assim, a “estiagem”, agora “seca”, é compreendida como trauma para a natureza e para os próprios sujeitos, que, diante da impossibilidade de vida plena, se veem diante da necessidade de retirada.

Ainda sobre esse discurso do camponês e da camponesa nortistas, podemos depreender, da argumentação de Albuquerque Jr. (2014), a partir das ideias de

Bakhtin/Volochínov (2018 [1929]) e Bazerman (2015), por exemplo, que os enunciados destes sujeitos, nesse referido período, estavam indexados um mundo de significação, que, para além de uma mera “expressão do(a) falante”, construíram uma realidade, a da compreensão do território nortista enquanto o espaço da desordem e da impossibilidade de vida. Nesta circunstância, à medida que o(a) camponês(a) nortista enunciava o espaço interiorano do Norte, por exemplo, enquanto seco, desordenado e não propiciador das condições de subsistência, estas enunciações produziram sentidos sobre a região, sentidos que repercutiram em diferentes gêneros do discurso, alimentando uma noção de “sertão”, indexando sentidos ao território.

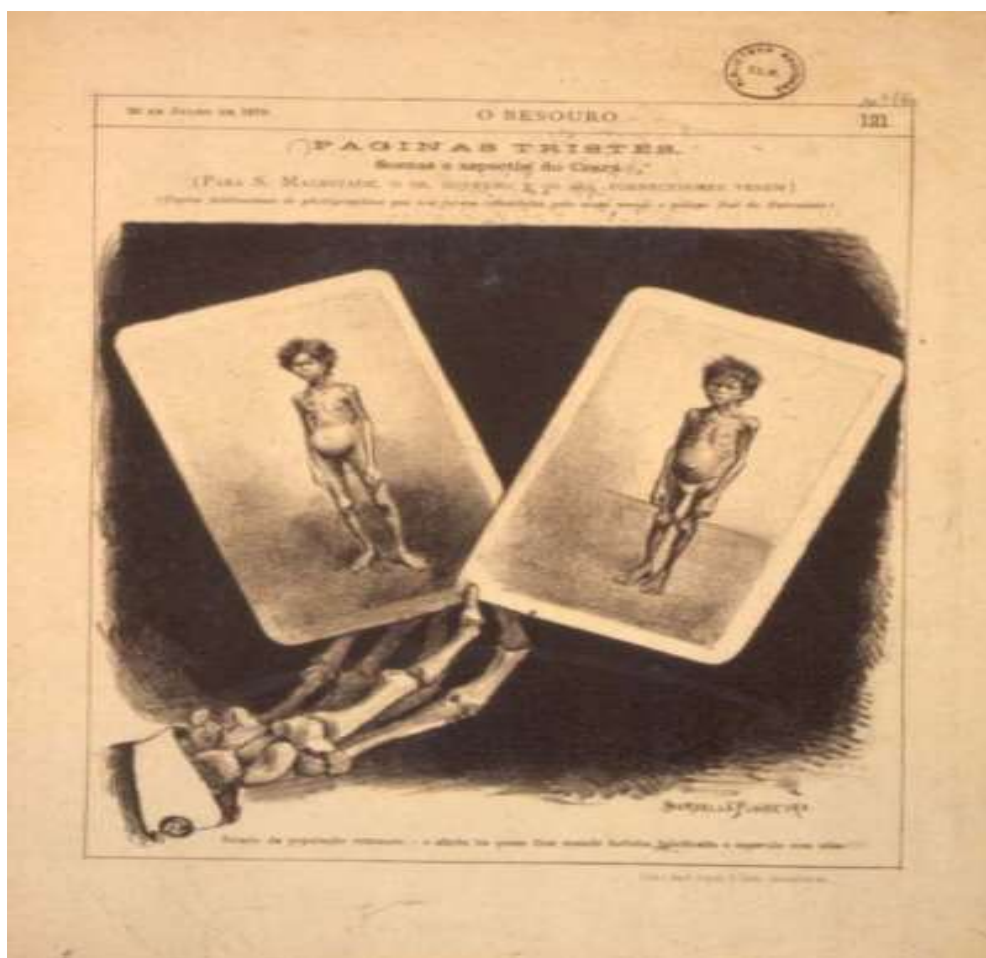
Segundo Albuquerque Jr. (2014), em meados do séc. XIX ainda prevalecia, nas zonas interioranas das províncias nortistas, um pacto tradicional entre patrões, coronéis ou demais latifundiários e os camponeses e as camponesas pobres nortistas, pacto que consistia, dentre outros aspectos, na repartição de parte do alimento produzido, ou mesmo na possibilidade de produção em regime de “meia”, do(a)s camponeses nas terras dos senhores. Assim, apesar de conviver secularmente com a questão climática da estiagem esta não o(a)s afetava diretamente, pois as condições de subsistência estavam garantidas pelo “pacto tradicional”.

Todavia, para Albuquerque Jr. (2014), ao final do séc. XIX, a economia de mercado, o capitalismo, avançou sobre as províncias do Norte do Brasil, aplicando seus pressupostos de exploração do “homem pelo homem”, o que ocasionou a quebra do pacto tradicional, na justa medida em que o excesso de produção não é mais partilhado entre senhores e camponeses/camponesas pobres, assim como não é mais possibilitada a produção em regime de “meia”, na terra dos sujeitos mais abastados economicamente. Neste sentido, não restava tempo suficiente do dia para que sujeitos pobres nortistas trabalhassem e produzissem para subsistir, o que os leva a ficarem paupérrimos e extremamente vulneráveis a crises econômicas, sanitárias e sociais.

Assim, na medida em que a pobreza aumentava e se transformava em pauperização e precarização da vida das pessoas mais necessitadas das províncias do Norte, ocorreu o que passou a ser denominada de “grande seca do Norte”, entre os anos de 1877 e 1879, que, devido à falta de políticas públicas, assim como pela falta das condições de existência que outrora estavam postas, impactou diretamente a vida dos sujeitos pobres, ocasionando a morte de pessoas e animais, a queda da produção da agricultura familiar, que já estava afetada, assim como os processos de retirada de parte da população das zonas interioranas do Norte.

A esse respeito, vale destacar que, seja a “seca do Ceará” ou a “grande seca” do Norte, essas não possuíram caráter de excepcionalidade climática (ALBUQUERQUE Jr., 2019), pois

o fenômeno de estiagem, que pode ser compreendido como um fenômeno de chuvas irregulares (MOLION, 2017), é inerente à região, antes Norte e hoje Nordeste. Apesar disto, a “grande seca” invadiu o noticiário da época, sobretudo folhetins jornalísticos, que “relataram” supostas mazelas ocasionadas pela estiagem, agora denominada de “seca”, de forma sensacionalista (CASTRO, 2007), valendo-se de estratégias, tais quais a divulgação de imagens de crianças e adultos, em processos de retirada e afetados pelas mazelas ocorridas ao final do séc. XIX, tal como podemos ver no recorte jornalístico que segue:



**Figura 05:** “Scenas e aspectos do Ceará”, do Norte, em 1875

**Fonte:** Andrade (s. n. t.).

Assim, pessoas são expostas enquanto esqueléticas, desnutridas e praticamente em estado de desumanidade, tendo como grande culpado o fenômeno climático, enunciado enquanto “seca”, desconsiderando, portanto, a conjuntura de pauperização e a falta de políticas públicas para lidar com as crises de ordens socioeconômicas. Conforme Albuquerque Jr. (2011; 2014; 2017), naquele final do séc. XIX, além das crises sociais e sanitárias, as elites econômicas nortistas entraram em declínio, acometidas por grave crise

financeira, oriunda dos modos de produção, que não mais estavam compatíveis, por exemplo, com as demandas de uma economia capitalista e com o ritmo de produção demandado. Desse modo, a elite econômica nortista perdeu espaço na produção e competitividade nacional, ocorrendo mudança no eixo econômico, que passou a ter direcionamentos para as províncias do Sul, refletindo em rivalidades políticas e ideológicas. Essa conjuntura “obrigou”, então, as elites econômicas nortistas a traçarem estratégias para recuperarem o prestígio político e a captar recursos. Essas informações, nesse estudo, servem-nos de indícios para pensarmos os motivos pelos quais o “sertão” fora “raptado”.

Nessa discussão, é importante a compreensão de que em meados do séc. XIX, as elites políticas e econômicas nortistas não partilhavam da visão dos camponeses e das camponesas pobres, quanto à culpabilização do clima e sobre a desordem do espaço nortista. Todavia, após processos discursivos dos folhetins jornalísticos e um contexto de crise econômica, a culpabilização da “seca” [estiagem], ou a tomada do discurso em torno da “seca”, passou a entrar no enfoque das discussões políticas das províncias do Norte (ALBUQUERQUE Jr., 2019), no Brasil Imperial.

Nesse aspecto, a partir do trabalho discursivo na mídia de folhetins, assim como em correlação com a conjuntura de crise econômica, a visão tradicional do camponês e da camponesa pobre nortistas passou a ser partilhada pelas elites, por grupos políticos, pela ciência e pelo discurso literário, formatando interface discursiva em torno da culpabilização da “seca”, em detrimento à problemática de ordem social e sanitária. Assim, a “seca”, a estiagem, apareceu como subterfúgio discursivo para justificar a captação de recursos por parte das elites que estão em decadência.

Desta forma, a estiagem, pensada e enunciada enquanto “seca”, passou a ser indexada ao interior das províncias do Norte, e compreendida como inerente a esse recorte regional, que agora não está mais ligado a sentidos de terras interioranas apartadas do litoral, mas, sim, como somente à região da “seca”, o território posteriormente denominado de semiárido. “Sertão” passou a ser apenas as “terras secas” das províncias do Norte. Assim, a ciência e, sobretudo, o discurso da autoridade científica em um período regido pelo ideal cientificista, encarregaram-se de sistematizar a visão tradicional do homem e da mulher pobres nortistas, que culpabilizavam a “seca” e não a precarização oriunda das relações socioeconômicas pelas mazelas vividas (ALBUQUERQUE, Jr., 2014; 2019).

Desse modo, a estiagem, discursivizada como seca, surgiu como a grande culpada das mazelas sociais e econômicas que acometiam as províncias do Norte, discurso reverberado em folhetins e ainda nas obras da denominada, criticamente, “Literatura das Secas”

(ALBUQUERQUE Jr., 2017). Há de se destacar que, ao final do Séc. XIX, a literatura era a forma cultural por excelência, na qual intelectuais convergiam esforços para redefinição de valores sociais, no bojo das transformações históricas significativas, sobretudo relacionadas às fragmentações sociais que resultaram da crise política e das rivalidades econômicas do Império (NEVES, 2007).

Ainda sobre o movimento literário do final do séc. XIX, Neves (2007) afirma que

Ao mesmo tempo, e no mesmo movimento, a literatura já se havia tornado o elemento político fundamental por meio do qual as expectativas de intelectuais engajados na tentativa de reformar ou “civilizar” o país pareciam concretizar-se. Era no romance, principalmente, que os investimentos políticos dos intelectuais reformadores do segundo Império se encontravam sintetizados, concentrando toda a capacidade de convencimento público e toda a energia política de ampliação e divulgação das idéias modernas do liberalismo, do positivismo e do evolucionismo. (NEVES, 2007, p. 90)

Desse modo, à medida que correntes literárias como o realismo e naturalismo avançavam, dispendo do prestígio e concentração de esforços para redescritção da unidade nacional, o texto literário produzia, politicamente, noções sobre o sertão, reverberando enunciações da tradição oral dos camponeses e camponesas pobres nortistas, tomando para si e reproduzindo a culpabilização da seca, questões que resultaram em esforços científicos e políticos para combater o fenômeno climático, como se isto fosse possível, haja vista que o clima é inerente à região. Esse arranjo político, científico e literário objetivava, sobretudo, “sensibilizar” o governo imperial para a necessidade de socorro financeiro às províncias do Norte, o que, invariavelmente, perpassaria pelo repasse de recursos para as elites econômicas, que, em crise, lançaram mão do discurso em torno da “seca”.

Nessa direção, já no início do séc. XX, em outubro de 1919, fora criada a Inspetoria Federal de Obras contra as Secas (IFOCS), órgão vinculado ao Ministério da Viação e Obras Públicas, que possuía por objetivo principal a sistematização do “combate” às secas periódicas que assolavam a região que passou a ser definida espacialmente e culturalmente enquanto “Nordeste”. Essa instituição surgiu como esforço político que visava descentralizar o poder do eixo Minas-São Paulo, remontando projeto de “modernização dos sertões”, ofertando créditos e recursos às oligarquias econômicas, assim como o financiamento de obras de “combate à seca”, tudo em busca da “modernização” de um espaço construído/inventado, nas práticas de discurso, como estagnado temporalmente, como impossível de chegar à modernidade, como a territorialidade do atraso.

Assim, o sertão, a partir de interfaces discursivas que envolveu a literatura, a ciência e as elites nortistas, é enunciado enquanto rural, atrasado, paupérrimo, não passível de chegar à modernidade, merecendo atenção e, sobretudo, a destinação de recursos do governo imperial, para “mudanças” de paradigma de um território determinado ao atraso.

### 3.2. O projeto regionalista: raptó do sertão e o contraste “centro x periferia”

Tal como já discutimos no tópico anterior, o “sertão”, que outrora estaria para todas as províncias do Brasil Império, em virtude da conjuntura cultural, social e política do final do séc. XIX, passou a ser compreendido como somente nas províncias do Norte, e, posteriormente, Estados do Nordeste, sendo (re)inventado através de interface discursiva que lhe atribuiu novas características e significados imagéticos partilhados, veiculados em diferentes gêneros do discurso e massivamente reproduzido, se construindo em contraste, por exemplo, com as províncias do Sul, que estavam na época, e estão ainda, para o centro do poder político e econômico nacional. O Brasil provincial era dividido territorialmente em conformidade com o mapa a seguir:



**BRASIL 1889**

Figura 06. Mapa político República Velha. Disponível em <http://fazendohistorianova.blogspot.com/2017/02/republica-velha.html>  
Acesso em 10 de janeiro de 2021.

Em 1889, o Brasil passou por um novo momento histórico e político, pois a República fora proclamada pelo Marechal Deodoro da Fonseca, período em que o país deixou de ser monarquista e passou a ter como forma de governo a república. Ou seja, dentre os anos de



1889 e 1891 ocorreu o primeiro mandato republicano, gerido por Deodoro da Fonseca, denominado de governo provisório, período em que se aguardava a elaboração de uma Carta Magna que norteasse e estabelecesse diretrizes para o país. Em 1891, ocorre a medida mais importante desse governo provisório, a promulgação da Constituição da república, momento em que o estado brasileiro criava vinte Estados com autonomia política, econômica e administrativa, descentralizando poderes do governo central. Dentre os estados criados, destacamos Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Bahia, que faziam parte das províncias do Norte, conforme apontado no mapa acima.

Nesse sentido, a partir da confluência de discursos em torno da “seca” e com a posterior criação de instituições de “combate à seca”, parte do espaço que estava inicialmente para as províncias do Norte, apareceu depois delimitado territorialmente enquanto Nordeste, que surgiu, sobretudo, a partir de usufruto discursivo que instaurou noções sobre o espaço, sobre o povo e sobre a cultura, consolidando, dessa maneira, um conceito, um conjunto de imagens produzidas por discursos regionalistas e embates geopolíticos, que condenaram/condenam o espaço do Norte e do Nordeste à imobilidade e a sentidos essencialistas, pretensamente eternos (ALBUQUERQUE Jr, 2011; 2019). Assim, o Nordeste ganhava vida territorialmente, sendo compostos, pelos seguintes estados, respectivamente:



Figura 07. Nasce o Nordeste do Brasil.

Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Northeast\\_Region\\_in\\_Brazil.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Northeast_Region_in_Brazil.svg)>  
Acesso em 10 de janeiro de 2021

Desta forma, o “Nordeste” foi criado, muito para além da ideia inicial de que seria somente um ponto colateral no espaço nacional. Foi construído, inventado, como uma contraposição de valores entre regiões do Norte e do Sul. Enquanto o Sul do país “representava” a prosperidade política e econômica, o Nordeste estava para a ruralidade, para a pauperização que gerava a retirada, conforme argumentos de Albuquerque Jr. (2011; 2017; 2019)

O Nordeste é, então, usufruto, também, de disputas políticas, ideológicas e econômicas advindas de forte rivalidade entre elites sulistas e nortistas, consolidadas ao final do séc. XIX e nutridas até os dias atuais por esferas da atividade humana, tal como a literatura, que fora uma das principais precursoras de posicionamentos político-literários regionalistas que originam a noção de “nordestinidade”. Assim, a noção de Nordeste nasceu a partir do “raptó” do Sertão, a partir da construção de uma noção de sertão que está ligada à ruralidade, à pauperização, à “seca” e, sobretudo, às mazelas sociais, que impossibilitariam a

chegada da região ao desenvolvimento. O sertão “das mazelas” é enunciado como o local que demanda “ajuda”, destinação de recursos econômicos para socorro às elites nortistas, socorro que ocorre mediante a criação de instituições, conforme discutido anteriormente, instituições que ensejam a demarcação limítrofe do que passou a ser a região do Nordeste Brasileiro.

A rivalidade entre Norte e Sul foi tamanha que ensejou uma disputa inclusive literária. Cito a literatura porque a considero um exemplo claro de como se formataram as concepções de centro x periferia e de como o texto literário foi determinante para a invenção do sertão, do Nordeste e pelo rapto do sertão para esta territorialidade (ALBUQUERQUE Jr., 2019). Cito, da mesma forma, José de Alencar e Franklin Távora, porque ambos propunham e reverberavam em suas obras literárias propostas antagônicas em torno da definição de uma identidade nacional, ou mesmo regional, gerando, desse modo, embates político-literários que tomaram, em grande medida, o sertão como referente temático, como espaço limítrofe onde “desembocaram” tais propostas e sentidos, a exemplo das obras “O Sertanejo”, de 1875, de José de Alencar, e “O cabeleira”, de 1876, de Franklin Távora.

“O Cabeleira”, de 1876, de Franklin Távora, é a primeira obra de um projeto político-literário denominado “Literatura do Norte” e que sustentava um “movimento regionalista”. Nesse romance, estão postos os pressupostos que sustenta(ra)m o projeto que se contrapõem a uma literatura do centro, do Sul. Na obra, há o ideal de suposta “representação” do espaço, dos costumes, das tradições e da cultura (ALBUQUERQUE JR, 2019). Todavia, a partir dos estudos realizados, compreendemos que as escritas literárias, sejam regionalistas ou não, não “representam” a realidade, ao contrário, constroem ou buscam construir enunciativo-discursivamente uma dada realidade. Assim, o regionalismo literário não representou o que ocorria no Sertão, forjou uma realidade, uma noção conceitual, forjou o sertão, forjou o Nordeste.

No prefácio de “O cabeleira”, Franklin Távora tece críticas contundentes ao que considera uma “Literatura do Sul”, praticada por José de Alencar, que fora por ele acusado de privilegiar questões do sul do provincial ao romantizar o “sertão”, que em suas obras era narrado enquanto repleto de cachoeiras, vida e exuberância, tal como em “O Sertanejo”, de 1875, conforme podemos verificar no fragmento a seguir:

Os borraceiros do natal tinham continuado a cair por volta da madrugada; e o sertão de Quixeramobim, o mais formoso de todo o dilatado vale da Ibiabiaba, vestia-se cada manhã de novas galas ainda mais brilhantes do que as da véspera.

A terra, que adormecia com o fechar da noite, já não era a mesma que despertava ao raiar do sol. Como se a houvesse tocado o condão de uma

fada, ela transformava-se por encanto: e mostrava-se tão louçã e donosa que parecia ter desabrochado naquele instante, como uma flor do seio da criação. Aí via-se realizada a graciosa lenda árabe dos jardins encantados, surgindo dentre os ermos e sáfaros areais à invocação de um nume benéfico. A gentil feiticeira dos nossos sertões é a linfa, que, descendo do céu nos orvalhos da noite e nas chuvas copiosas do inverno, semeia os campos de todas as maravilhas da vegetação. (ALENCAR, 1875, p. 60)

Segundo Franklin Távora, problemáticas como a “seca”, a retirada e as demais mazelas que acometiam os “sertões”, não eram abordadas por Alencar, não demonstrando, segundo o crítico, o comprometimento com questões de ordem social por parte do cearense Alencar. (ALBUQUERQUE JR, 2019). No prefácio de seu romance, Távora (1876) busca estruturar sua narrativa em torno da tradição oral dos sujeitos nortistas, sertanejo(a)s, em sua compreensão, pois seriam estes sujeitos o(a)s protagonistas de um enredo típico de um nacionalismo baseado nas contradições internas das províncias do Norte, ou dessa cultura que seria a legítima “representante” de um ideal nacional, por não estar sobrepostas pelas modernidades que corromperam o sul, por exemplo. (ALBUQUERQUE JR, 2019).

Assim, Távora (1876) apresenta um projeto político-literário que reverbera a rivalidade existente no campo da economia, de forma que, segundo ele, "Norte e Sul são irmãos, mas são dois. Cada um há de ter uma literatura sua, porque o gênio de um não se confunde com o outro. Cada um tem suas aspirações, seus interesses e há de ter, se já não tem, sua política" (TÁVORA, 1876, p.11). A argumentação de Távora (1876) abre margem para pensarmos que Sul e Norte, sertão, são contrastes e se constroem nesses pressupostos, na medida em que não são somente polos diferentes em termos geográficos, mas culturais e sociais.

Desta forma, para além de zonas fronteiriças delimitadas administrativamente, as diferenças estabelecidas entre Norte, sertão, e Sul se dariam, sobretudo, na cultura, representando, nas palavras de Albuquerque Jr. (2017), o reacionarismo e a modernidade, respectivamente, o que ocasionaria, a exemplo dos escritos de Távora (1876), uma reivindicação regionalista, tanto por parte das elites econômicas afetadas pela mudança do eixo mercantil, quanto da produção cultural, que serviu de seiva para a construção do projeto regionalista que inventou o Nordeste e raptou o sertão para seus Estados.

O regionalismo das províncias do Norte surgiu justamente das discrepâncias sociais e, sobretudo, econômicas, assim como de embates ideológicos intencionados. O sentimento regionalista nasceu no bojo das contradições nacionais, estruturando caracterizações em torno do sertão a partir de tradições, do que ganha permanência discursivamente, a exemplo do

discurso em torno da “seca”. O sertão, posterior microrregião do Nordeste, é enunciado estereotipado e estigmatizado a partir, sobretudo, da visão de centro econômico de poder, mas também se alimenta do discurso interior, a exemplo da visão tradicional dos sujeitos pobres nortistas e da vasta produção cultural regionalista a partir da “seca” perpassada por diferentes gêneros da cultura. Assim, mais que uma distância territorial, o centro que se constrói enquanto a égide do poder também tem em sua periferia, entenda-se aí o Nordeste/Sertão, as contraposições de características que demarcam identitariamente as regiões.

Conforme argumenta Albuquerque Jr. (2011, p. 31),

O Nordeste e o Nordestino miserável não são produto de um desvio de olhar ou fala, de um desvio no funcionamento do sistema de poder, mas inerentes a este sistema de forças e dele constitutivo. [...] Tentar superar este discurso, estes estereótipos imagéticos e discursivos acerca do Nordeste, passa pela procura das relações de poder e de saber que produziram estas imagens e enunciados clichês, que inventaram este Nordeste e estes nordestinos (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 31).

Assim, a matriz discursiva hegemônica normatizadora da noção de sertão/Nordeste construiu sentidos sobre esse território a partir das relações de poder servis às elites econômicas e à classe política. Forjar um Nordeste reacionário, caricato, saudosista e estamental, demarcado por processos de estereotipia que marginalizam o Sertão/Nordeste/semiárido terminam por influenciar suas problemáticas e demandas atuais. Desta forma, compreender como se estruturam tais relações e como elas reverberam nas práticas discursivas e sociais nos permite problematizar o que é dado como uma “verdade”, como um dado natural e essencial que estabiliza e determina as pessoas e o espaço.

A partir de toda a conjuntura já exposta, o sertão foi raptado para ser uma das sub-regiões do Nordeste, passando a existir em relações sinonímicas, incluindo o semiárido, pois, conforme Albuquerque Jr. (2011), ao falarmos de sertão logo pensamos em Nordeste e semiárido, o que pode ser verificado, também, em mapa do semiárido brasileiro, que comporta boa parte do território nordestino.



Figura 08 - Semiárido brasileiro.

Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/592171-o-ainda-desconhecido-semiarido-brasileiro>>

Acesso em 10 de janeiro de 2020.

Dessa forma, a reconfiguração discursiva de sentidos em torno do sertão, que o (re)inventa, é determinante para a posterior invenção do Nordeste (ALBUQUERQUE Jr., 2011), pois conforme apresentei, o sertão que outrora estaria para todas as regiões interioranas, passa a estar somente para províncias do Norte e, posteriormente, para o que se convencionou nomear geopoliticamente de Nordeste.

### 3.3 História recente, crise identitária e a reinvenção do sertão

A invenção do “Nordeste” rapta o “sertão”, a partir do regionalismo (ALBUQUERQUE Jr., 2011; 2017), trazendo consigo a construção de uma identidade dita nordestina, sertaneja, pautada justamente em traços regionalistas que tiveram contribuições

determinantes do discurso popular em torno da “seca” (ALBUQUERQUE Jr., 2014), dos espaços habitados, das formas que se veem e se situam no mundo, construindo ideias do que é ser e viver no sertão.

Discursos estereotipados reverberaram e ganharam permanência temporal de cerca de 144 anos, a contar da denominada “grande seca”, de 1877-1879, inicialmente do Ceará e, posteriormente, discursivizada como das províncias do Norte, evento que foi determinante para construção de sentidos em torno da “seca” e do “sertão” e, por consequência, dos sujeitos viventes nesta região. Desta forma, podemos conceber, então, a noção de uma “identidade imaginada” sobre o sertão, que é concebido, em diferentes gêneros do discurso enquanto subalterno, rústico e não passível de chegar à modernidade, questões que são problematizadas e colocam essa “identidade imaginada” em crise. Desta forma, depreendemos que identidades regionais se estruturam e ganham sentido na/pela linguagem, onde sujeitos instauram, por meio das práticas discursivas, símbolos e significações coletivas, que ganham permanência temporal no âmbito da cultura e da sociedade, conforme Woodward (2014).

Entretanto, nos últimos anos, a noção de sertão, em relação endógena, e sinonímica, com Nordeste/Semiárido, tem sido questionada. Portanto, a discussão identitária entra na ordem do dia, fato que ocorre quando a “identidade” está em crise, quando algo que se supõe fixo, verdadeiro e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza, conforme Silva (2018). Portanto, ao afirmarmos que a identidade sertaneja está em crise, queremos significar que novos discursos sobre o “sertão” estão surgindo, estruturando novos sentidos sobre a região, sobre seu povo e sua cultura. A exemplo, podemos citar série de matérias do encarte “Especial Semiárido das nascentes” (2019), produzido pelo jornal “O Povo”, composto por dez reportagens, dentre as quais podemos destacar “Histórias de um Sertão encantado”, “terra de amores e sonhos”, “um oásis de mamão e melancia”, que trazem novas perspectivas sobre o sertão, conforme fragmentos a seguir:

É outro retrato, tão profundo quanto os entalhes feitos nele pelas secas de todos os tempos. Porque mostra convivência e não combate, permanência e não fuga. São dez sertões possíveis: das hortaliças, do biodigestor, das frutas, da energia solar, da galinha caipira, do reuso da água, do empreendedorismo, dos quintais, da energia eólica, do bordado. Tradição e futuro em urdidura.

O POVO narra convívios em um sistema frágil e hostil. Relações que nascem de um lado a outro, reinaugurando o viver sob o sol e o respeito à natureza. Uns por todos, e vice-versa, na precisão, na partilha e no cuidado. São pássaros que retornam, são famílias inteiras que ficam. (O Povo, 2019)

Desse modo, o sertão/Nordeste determinista, uno, estável e fixo, aparece abalado por “dez sertões possíveis”, pela convivência com o fenômeno climático, o que fornece subsídios para a existência próspera e abundante. Conforme argumenta Cavalcanti (2020), essas reportagens produzem significados que apontam para outros elementos no semiárido, uma complexidade situada à diversidade de práticas, modos de ser e viver. Podemos compreender com essa pesquisadora que, a partir das escolhas linguístico-discursivas e de titulação das matérias, o “sertão” aparece ressimbolizado, ressignificado, refratando a construção discursiva histórica em torno da precarização do espaço sertanejo, pois, por exemplo, conforme exposto na seção anterior, não era possível conceber um “semiárido de nascentes”, um sertão que propicie o surgimento de vida.

Nesses exemplos, ocorre um processo de refratação significativo dos discursos em torno do sertão, pois os sentidos que estão postos em torno da própria palavra e que reverberam no território, são recuperados, mas não para terem sentidos reafirmados, ao contrário, temos um embate, um choque na arena discursiva, que instaura novas significações. Creio que posso afirmar que há uma disputa em torno dos sentidos sobre o sertão, o que pode ser comprovado se compararmos dados de estudos de Santos (2019) e Dantas (2020), nos quais temos uma manutenção do sertão/nordeste uno e da estereotipia, com os dos estudos de Lima (2020) e Cavalcanti (2020), trabalhos nos quais há o apontamento para a convivência com o semiárido e não o combate à “seca”.

Nesta senda, temos, através da esfera midiática, o surgimento de rasuras e refratações no discurso hegemônico, apresentando novas propostas de sentido que quebram o conceito de sertão inóspito, fato que ocorre mediante novas categorizações, novas práticas discursivas que reverberam uma demanda por convivência sustentável com a terra e com um clima, “seca”, que não devem e não podem ser combatidos, pois “precisamos concordar que não existe seca no Semiárido. Existe, sim, falta de conhecimento sobre a realidade climática e, em consequência, o que pode plantar ou criar” (SCHISTEK, 2017, p. 46).

Assim, neste capítulo, em específico nas duas subseções iniciais, agenciamos saberes da história, dialogando com Albuquerque Jr. (2011, 2014, 2017, 2019) e Neves (2007), para compreendermos o que se forjou historicamente acerca de sertão. Compreendemos, então, que o termo sertão e o próprio território possuem seus sentidos drasticamente alterados em virtude de interface discursiva interessada, interesse advindo, sobretudo, das elites nortistas. Assim, o sertão passou a ser vislumbrado a partir de processos arrogantes de estereotipia (ALBUQUERQUE Jr., 2011), que supõem um sertão uno, alheio à diversidade e ao desenvolvimento.



Nesta subseção, em específico, tratamos acerca da crise identitária, de refratações e novos discursos que estão surgindo sobre o sertão, que colocam o conjunto de características construídas em torno do sertão a partir do final do séc. XIX em cheque, atribuindo novos sentidos ao “semiárido de nascentes”, um sertão de vida e, sobretudo, de convivência, que perpassa pela compreensão das especificidades de um clima que não pode ser combatido, mas compreendido, o que pode fornecer subsídios para novas formas de existência.

Dessa forma, compreender como se formatam historicamente sentidos sobre uma região é fundamental para pensar o sertão contemporâneo, para pensar como cadeias e elos discursivos que possuem como referente o sertão se estruturam, para identificar quais “vozes” povoam enunciações em uma reportagem televisiva, por exemplo, ou também, para perceber como as cadeias discursivas são mobilizadas, sejam para reafirmar e alimentar sentidos pretendidos lá ao final do séc. XIX, ou refratar, burlar, contrapor o que está posto na tessitura histórica.

Ademais, todas as questões abordadas neste capítulo e nos anteriores, servem de subsídio para a seção que segue, na qual problematizo o que está proposto de significação em “um passeio imperdível pelo sertão alagoano”, perpassando pelos aspectos linguísticos, assim como, sobretudo, pelas regularidades enunciativo-discursivas e como estas se filiam ou se desfiliam à matriz discursiva hegemônica sobre o sertão.

## CAPÍTULO 4

## O SERTÃO ALAGOANO RESSIGNIFICADO NA TV

O (a) linguista aplicado está preocupado em elaborar inteligibilidades acerca de práticas discursivas e sociais situadas, sejam em processos conversacionais, acerca de processos de ensino-aprendizagem de língua materna ou pesquisas do campo discursivo, que se debruçam sobre gêneros do discurso, para compreender questões de raça, classe, gênero ou mesmo, como no caso deste trabalho, questões sobre territorialidade.

Dessa forma, este trabalho está situado em pesquisas do campo discursivo, seguindo pressupostos teóricos-metodológicos da LA indisciplinar, não preocupado em generalizar análises e considerações, mas buscando compreender como se estruturam discursos que possuem o sertão alagoano como referente, mais precisamente uma matéria jornalística da TV Gazeta de Alagoas, uma das maiores empresas de comunicação desse Estado, que versa sobre um “passeio imperdível no Sertão alagoano”. Então, estou me debruçando sobre um texto/enunciação do cotidiano, aqueles que estão presentes em nossas vidas e muitas vezes passam despercebidos (SANTOS FILHO, 2020), mas que fornecem diariamente uma série de dados significativos que buscam interpelar e ter poder vinculante junto à interlocução, ou seja, pretendem-se produzindo sentidos válidos, que, se assim o forem, tendem a ser reproduzidos na cadeia da vida, da enunciação.

Nesse sentido, Bakhtin/Volóchinov (2018 [1929], p. 99), ao tratarem sobre a comunicação cotidiana, destaca que “Essa comunicação é extremamente importante e rica em conteúdo. Por um lado, ela entra diretamente em contato com processos produtivos e, por outro, ela se relaciona com as várias esferas ideológicas já formadas e especializadas”. Dessa forma, os textos cotidianos são fundamentais para pensar, por exemplo, o que se forja enunciativo-discursivamente enquanto “sertão”.

Assim, neste capítulo, realizamos uma leitura enunciativo-discursiva, com bases interpretativistas, não buscando dados quantitativos, mas qualitativos, análises subsidiadas pelos pressupostos da enunciação concreta do Círculo de Bakhtin, entendendo o *corpus* enquanto complexo, não residual e múltiplo (SIGNORINI, 1998), o que significa dizer que é um objeto complexo, permeado por especificidade situacionais como a cultura, a história e a geografia, aspectos do conhecimento que devem ser mobilizados de forma indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), para propiciar o surgimento do novo e o alcance dos objetivos propostos.

Nesta senda, tratar sobre o sertão e, especialmente, pesquisar sobre o sertão alagoano, demanda compreender como as enunciações que o possuem como referente estão circunscritas na cadeia da vida, tanto na vida dos sujeitos, quanto na vida dos enunciados, nas redes discursivas que se entrelaçam e forjam práticas sociais e constroem sentidos sobre o território e seu povo. Para tal, é de suma importância nos debruçarmos e aprofundarmos discussões relacionadas à noção de língua(gem) aqui adotada.

A esse respeito, compreendemos que a comunicação entre os sujeitos, que é constituída pela língua[gem], se dá em processos interativos e dialógicos, em diferentes esferas ou campos de atividades, que funcionam como instâncias organizadoras da produção, captação de textos/enunciados, em gêneros específicos do discurso, que se desenvolvem a partir das demandas comunicativas dos sujeitos em seus usos linguísticos-discursivos. Bakhtin (2016) aprofunda estas discussões e cita exemplos dos traços que remetem a comunicações culturais mais específicas e complexas: as atividades artísticas, científicas e jornalísticas, por exemplo, atividades que, a partir das demandas e condições sociais, servem/serviram para estabilizar e desenvolver os gêneros do discurso em seus diferentes suportes.

Logo, Bakhtin/Volóchinov (2018 [1929]) argumentam que a enunciação, ocorrida em esferas e atividades comunicativas e em gêneros específicos do discurso, faz-se de acordo com objetivos comunicativos específicos e, sobretudo, de acordo com funções sociais específicas. Essas ideias nos são importantes para pensar, por exemplo, que uma reportagem televisiva dispõe de objetivos específicos de acordo com suas funções sociais. Dessa forma, a enunciação ocorre objetivando promover significações de acordo com as especificidades do gênero do discurso, pois, conforme esses filósofos da linguagem e Miotello (2020), é através dos gêneros do discurso que a língua(gem) penetra na vida e constrói a realidade de significações, mediando as relações entre os sujeitos e o mundo.

Dessa forma, ao pensarmos sobre reportagens televisivas, sobre o gênero midiático, podemos traçar paralelos e conceber que estamos tratando de textos multissemióticos aos quais estão indexados mundos de significação (BAZERMAN, 2015). São, nesse aspecto, narrativas que articulam o áudio e o visual, reverberando enunciações concretas e propostas discursivo-performativas de significação das mais variadas atividades da vida humana, a exemplo da reportagem objeto deste trabalho, que busca “mostrar” as especificidades de um passeio pelo sertão alagoano enunciado como “imperdível”.

Ao tratar sobre a obra romanesca, Bakhtin (2015) destaca que a unidade superior do gênero romanesco aglutina diferentes estilos linguísticos, de forma que a estrutura romanesca é uma combinação sistêmica de “linguagens”. Tais sistemas, combinam-se, comungam estilo

comum e são partícipes da construção do(s) sentido(s) desse conjunto. Por analogia, estabelecendo suas especificidades, podemos considerar, também, que o gênero midiático, em suas subdivisões produtivas como o jornalismo, é detentor de um sistema de linguagens, nas quais o estilo reside no enquadramento de câmeras, nas fotografias utilizadas, nas trilhas sonoras que acompanham o enredo, nas expressões corporais dos sujeitos que compõem a matéria etc., compondo um conjunto multissemiótico que dialoga com o tempo-espaço, almejando uma dada significação por parte da audiência.

Woodward (2014) argumenta que narrativas novelísticas ajudam a promover identificações, ajudam a construir identidades de gênero, por exemplo. Constroem identidades ou forjam dados a partir dos processos discursivos específicos que produzem significação. Da mesma forma, considero que o gênero reportagem televisiva é didático para tecer “realidades”, promover identificações, pois os textos audiovisuais constroem e ativam desejos inconscientes que correlacionam imagens e pessoas, de forma que nos vemos ou desejamos, por exemplo, realizar um “passeio imperdível”. Assim, a mídia nos diz como devemos ocupar/performar determinadas posições na sociedade (WOODWARD, 2014), tornando-se extremamente didática na contemporaneidade.

Essa é uma discussão teórica de grande valia para a pesquisa aqui proposta, pois compreendemos que os textos audiovisuais de reportagens televisivas reverberam propostas discursivas que interpelam a audiência, pretendendo possuir poder vinculante, podendo propiciar a (des)identificação dos sujeitos, se valendo de estratégias linguístico-discursivas e multissemióticas, consolidando ou abalando estruturas reguladoras às quais os sujeitos estão condicionados.

Ademais, consideramos que reportagens televisivas são narrativas audiovisuais, são tramas de sentidos, tramas de significação, que pertencem e reverberam tessituras enunciativo-discursivas situadas à ordem histórica e cultural (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2018 [1929]), que são povoadas e impregnadas por vozes alheias. Nesta senda, compreender a noção enunciativo-discursiva de linguagem, propicia compreender quais vozes, quais enunciados estão presentes na matéria televisiva, trazendo o sertão enquanto referente para reafirmar sentidos históricos ou refratá-los.

#### **4.1 Aspectos teórico-metodológicos**

Considerando o que já dissemos anteriormente, entendemos que ao enunciarmos, nossos atos de “fala” recuperam enunciações anteriores e entram em “júdice”, passam a estar sob o crivo da ideologia do “outro” e da conjuntura sócio-histórica situada do processo interativo das quais as expressões emergem (SANTOS FILHO, 2017). Assim, ao depararmos com uma reportagem televisiva, compreendemos que ela está mobilizando enunciativo-discursivamente cadeias de enunciados a partir de escolhas linguístico-discursivas, que são ideológicas, interessadas, sobretudo de acordo com o gênero discursivo no qual a enunciação está ocorrendo. Falamos, então, da necessidade de uma leitura enunciativo-discursiva.

Nesse sentido, ao falarmos de uma leitura enunciativo-discursiva, estamos tratando, sobretudo, de um processo interativo e dialógico. É interativo por que a enunciação sempre emerge de um “eu” para um “outro” (SANTOS FILHO, 2017), de forma que jornais impressos pagos, por exemplo, enunciam para seus assinantes, possivelmente de classe média e que possuem poder aquisitivo para contratar serviços jornalísticos particulares, sujeitos que também possuem seus interesses que o mobilizam. É dialógico porque, em primeiro lugar, o texto/enunciado, forjado nas relações interativas, se bifurca em um discurso interior e outro exterior, o interior se refere ao psiquismo, aos pensamentos (onde o enunciado não possui vida), e onde se dá o processo de validação e avaliação de enunciados de outrem; o segundo, às enunciações que se dão no processo comunicativo, onde a enunciação ganha vida.

Conforme Santos Filho (2017), o discurso exterior é intersubjetivo e o interior intersubjetivo. É dialógico, porque, também, ao enunciarmos a um tempo-espaco situado, o fazemos mobilizando ecos, outras vozes, citando enunciados ditos em outrora. Então, temos a síntese de uma enunciação que ocorre a um micro tempo, mas que dialoga com o histórico. A esse respeito, pode nos ser didáticos pensar o processo de análise realizado por Dantas (2020) e os dados aos quais a pesquisadora se debruça, pois, ao mesmo tempo em que as reportagens televisivas analisadas ocorrem situadas ao ano de 2015 e para a população cearense contemporânea, as reportagens recuperam, a todo momento, o que fora proposto discursivamente ainda aos anos de 1930, com o lançamento de “O Quinze”, buscando elementos que porventura pudessem alimentar o que fora proposto no romance de Rachel de Queiroz.

Nesta senda, podemos afirmar, conforme Bakhtin/Volochinov (2018 [1919] e Santos Filho (2017), que enunciados são posicionamentos dos sujeitos sobre o mundo, que o fazem mobilizados por processos ideológicos, ideologia que não pode ser desconsiderada dos estudos linguístico-discursivos, pois, a partir dela, os sujeitos, nos processos interativos e dialógicos da comunicação, passam por orientações sociais e históricas, que podem refratar,

ou refratam, a enunciação. Daí emerge, também, a noção de valor linguístico para o Círculo de Bakhtin, pois o valor reside em pensar na posição assumida na utilização de uma palavra, por exemplo, haja vista que as “escolhas” linguístico-discursivas não são inocentes, justamente por estarem permeadas por ideologias, o que significa dizer que possuem intenções significativas (SANTOS FILHO, 2017).

Ainda acerca da noção de valor, Bakhtin/Volochinov (2018 [1919]) entrelaçam dois conceitos: "significação" e “tema”. A “significação” se refere à estrutura linguística que compõem a enunciação, tais quais palavras, substantivos, adjetivos e formas morfosintáticas e seus possíveis sentidos imanentes. Acerca do “tema”, temos aí o estágio real e superior da capacidade linguística de significar, significação que ocorre mediante à conjuntura situada, assim como pela articulação dialógica de cadeias discursivas que podem, ou não, significar junto à interlocução. Essa compreensão nos é importante para pensarmos uma matéria televisiva, por exemplo, que está composta por aspectos linguísticos, assim como extralinguísticos e multissemióticos como “escolhas” de cenas e enquadramentos, por exemplo, que forjam um conteúdo temático que possui potencial de significação.

Vale salientar que enuncia não é fruto de um psiquismo individual (SANTOS FILHO, 2012), pois essa é povoada por discursos alheios, por vozes que são mobilizadas, citadas, no processo interativo e dialógico da comunicação. Assim, podemos pensar a noção de plurivocalidade, pois, de acordo com Santos Filho (2012),

Não sendo a consciência individual, mas coletiva, e sendo o fundo perceptivo do “eu” discursivo, a expressão desse “eu” (que é gerada nessa atividade mental, em constante diálogo consigo mesma e com o meio no qual vive) está impregnado de outras vozes com as quais estabelece relação. Dessa forma [...], devemos observar como a voz do “eu” dialoga com a voz do “outro”, visto que, em suas palavras, “a palavra vai à palavra” (Bakhtin, [1934- 35] 1988: 147)”. (SANTOS FILHO, 2012, p. 15)

Assim, ao pensarmos uma matéria jornalística, invariavelmente, percebemos que tal enunciação está permeada por diferentes vozes, diferentes enunciados, que situados, buscam a construção temática de dada realidade discursiva. Em suma, uma análise enunciativo-discursiva consiste na compreensão de que a enunciação é “manifestação” de um “eu” em direção a um outro, em determinada conjuntura histórica e cultural, enunciação que ocorre de acordo com pressupostos ideológicos, assim como a própria “recepção” desta enunciação, que é submetida a processo de refratação, que ocorrem, justamente, situados aos aspectos ideológicos, que subsidiam os crivos avaliativos das tomadas significativas de sentido. Há de

se compreender, também, a necessidade de se atentar aos aspectos linguísticos que compõem estruturalmente a enunciação, assim como identificar qual conteúdo temático é forjado nessa articulação entre significação, aspectos linguísticos, e tema, instância real da produção de sentidos.

## 4.2 No Sertão, o passeio imperdível

Das considerações já realizadas, partimos dos pressupostos de uma *etnolinguística da fala viva*, conforme Santos Filho (2012), na qual entendemos que a língua, que vive a uso dos sujeitos, constrói a vida de significação, através de diálogos e processos interativo-comunicativos, mediante materializações em gêneros do discurso, que são, conforme Bakhtin/Volóchinov (2018 [1929]), tipos relativamente estáveis de enunciados, através dos quais a enunciação adquire forma, concretude, estruturando-se significativamente a partir das “escolhas” linguístico-discursivas que forjam conteúdos temáticos a partir de objetivos específicos de significação no processo comunicativo dialógico da “emissão” e “recepção”.

Nessa compreensão, enunciados, segundo postulam Bakhtin/Volochinov (2018, [1929]), compõem redes de significação, elos em uma cadeia discursiva que interpelam os sujeitos a realizarem reproduções/réplicas de enunciações. Todavia, essas cadeias discursivas que se constituem justamente por meio das repetições podem sofrer **refratações**, uma espécie de crivo avaliativo *ideológico*, que torna tessituras enunciativo-discursivas passíveis de **ressignificações**, a serem realizadas pelos sujeitos, de forma que propostas discursivas podem ser tomadas como válidas ou inválidas, a partir da consciência (discurso interior) que não é individual, mas construída na coletividade, em sociedade.

Imbuído dessas noções, neste trabalho, o objeto de análise é um gênero discursivo pertencente à esfera da comunicação jornalística, na qual, podemos depreender, conforme Santos Filho (2016), que circulam textos orais, enunciações que se materializam através do som, da oralidade, e são suportados pelo audiovisual, que implica no uso de diferentes recursos semióticos para a produção de significação, sendo mediados por telas de televisão, como no texto em análise – uma reportagem televisiva, por exemplo.

Assim, temos em uma reportagem televisiva, conforme aponta Santos Filho (2016), um gênero “oral”, mas que não se restringe somente à expressão sonora, pois há um jogo multissemiótico que articula “escolha” de imagens, enquadramento de câmeras, sonorização, aspectos que consideramos não serem escolhidos de forma aleatória ou inocente. Ao

contrário, são escolhas, ou melhor, estratégias linguístico-discursivas que possuem objetivos claros, de acordo com a especificidade do gênero em questão. Assim, pensar que a reportagem televisiva visa construir um aspecto de “verdade” e “realidade” em torno do que está sendo dito, implica em pensar que todo o arranjo multissemiótico opera de forma estratégica para atingir tal fim, assim, o conteúdo midiático é, sobretudo, ideológico.

Nestas considerações, podemos inferir, ainda conforme Santos Filho (2016), que o processo de significação de uma matéria jornalística, por exemplo, está para além da materialidade linguística, que dialoga e recorre, invariavelmente, a questões sociais e históricas, que a deixam impregnada de vozes, de citações de enunciados ditos aprioristicamente. De modo específico, o gênero discursivo reportagem jornalística tem como função transmitir uma informação por meio do suporte televisivo, objetivando, informar determinada “realidade filtrada” a leitor(a)s/telespectador(a)s, aprofundando o tema escolhido, valendo-se de estratégias, conforme aponta Hernandez (2017, p. 10) citado por Nascimento (2019, p. 47), que realizam “[...]1) “pinçamento” do que é considerado “relevante”; 2) remontagem dos pontos que interessam para criar sensação de realidade e verdade; e 3) esquecimento ou negação do que é notado como inoportuno ou desimportante [...]” .

Dessa maneira, podemos inferir que, na enunciação jornalística, o(a) repórter, agente da ação no gênero reportagem, faz investigações e, sobretudo, discute e argumenta acerca do tema que está sendo vinculado, na busca por apresentar e compreender causas de determinados fatos, sempre operando para corroborar com a noção de estar apresentando uma suposta “verdade”. Nesse sentido, podemos compreender que, apesar da função social e do objetivo do gênero reportagem televisiva, não são postas, enunciadas “verdades”, apesar de ser isso que se queira construir estruturalmente a partir de “escolhas” e estratégias linguístico-discursivas e multissemióticas. Dessa forma, compreendemos, a partir das ideias de Bakhtin/Volochinov (2018[1919]), que não há representação ou apresentação de “verdade(s)” em reportagens ou quaisquer enunciados, pois o que temos é a tentativa de produzir uma realidade, indexando mundos de significação à enunciação (BAZERMAN, 2015). Temos, então, em uma reportagem televisiva, uma proposta de “verdade” e de “realidade” que será posta “sub júdice” junto ao(s) outro(a)s da interlocução.

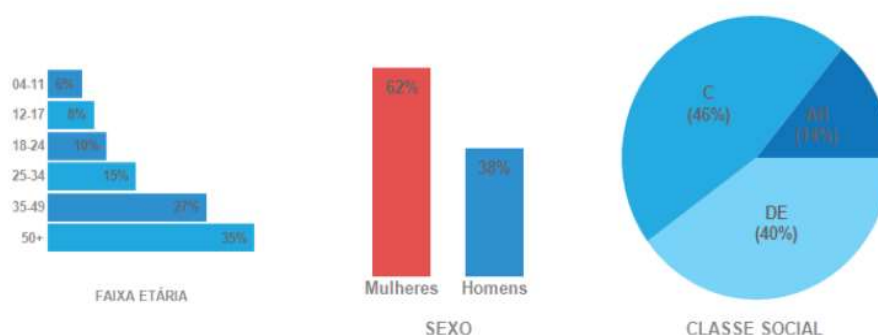
#### **4.2.1 Um passeio imperdível em cenas**



Tal como já anunciamos diversas vezes ao longo desse estudo, o *corpus* desta pesquisa é uma reportagem veiculada na TV Gazeta de Alagoas (Grupo Globo de Televisão), em seu jornal da 1ª edição (horário considerado nobre, por possuir uma das maiores audiências), no dia 11 de julho de 2016, tendo como título “Veja dica de um passeio imperdível pelo Sertão Alagoano” e título auxiliar “A repórter Catarina Martorelli mostra um passeio surpreendente para quem tem interesse por história e pela natureza”. A matéria, que tem duração de 04 minutos e 13 segundos, pode ser acessada através do link < <https://globoplay.globo.com/v/5156375/> > e versa sobre o alto sertão alagoano, sobre a cidade de Água Branca. Demonstra algumas características naturais e históricas da região, apresentando possibilidades para a visita através do denominado “turismo de experiência”.

Considerando o apresentado anteriormente, consideramos a reportagem televisiva como um enunciado concreto, que articula multisssemiose discursiva estruturada a partir da oralidade e de um conjunto de imagens escolhidas estrategicamente e que nos fornecem subsídios para pensar o que se pretende significar junto à interlocução. Partindo do pressuposto dialógico de que a enunciação parte de um “eu” para um “outro”, percebemos que este “eu” que enuncia, que constrói a reportagem televisiva, é a TV Gazeta de Alagoas, maior emissora de televisão do estado de Alagoas, que, conforme dados do site de avaliação de negócios e impactos da Rede Globo Nacional, tem potencial para atingir 3.243.270 (três milhões, duzentos e quarenta e três mil e duzentos e setenta) de lares alagoanos, sendo estes o “outro” ao qual a enunciação se direciona. Mas, podemos ser ainda mais específicos, quanto ao perfil de audiência da TV Gazeta, conforme dados a seguir:

### PERFIL DA AUDIÊNCIA



Fonte: Kantar Ibope Media - MW\Faixa horária - Castanhal,[2019/11/07] ... [2019/11/13]

Figura 09 - Perfil de audiência TV Gazeta de Alagoas

Fonte: Negócios Globo

Disponível em: <https://negocios8.redeglobo.com.br/Paginas/Exibidoras.aspx?e=56>

Acesso em: 29 de dezembro de 2020.

Em termos de faixa etárias, conforme vemos na imagem anterior, há uma predominância quantitativa de audiência despendida por parte de jovens, adultos e idosos, que juntos somam 87% da audiência. Dos dados apresentados, podemos inferir, também, que é uma audiência economicamente ativa e consumidora, no sentido de estar em faixa etária apta ao trabalho e à aposentadoria, o que enseja o consumo, teoricamente e falando de forma generalista. De acordo com o gênero social, mulheres são a grande maioria da audiência da TV Gazeta, com diferença de 24 pontos percentuais em comparação com a audiência do gênero masculino. Em termos de classe social, há predominância de audiência entre as classes populares, sendo que a classe média, circunscrita no nicho AB das classes, corresponde a 14% da audiência.

Estes dados são importantes para compreendermos as nuances deste “outro” para o qual a TV Gazeta enuncia, haja vista que a enunciação não ocorre, conforme Bakhtin, “urbi et Orbi”, ou seja, para “à cidade e ao mundo”, haja vista que a enunciação ocorre em conjunturas situadas, a partir de determinados interesses e objetivos. Desta forma, a partir da estruturação da matéria jornalística, a TV Gazeta, o “eu”, enuncia a um “outro”, que supostamente possui poder aquisitivo para realizar o “passeio imperdível”, ou seja, pessoas de classe média e alta do estado de Alagoas. Direcionando-se especificamente à matéria, ao abrirmos o *link* para acessar a reportagem deparamos com a seguinte imagem:



Figura 10 - o verde do Sertão

Fonte: TV Gazeta de Alagoas, 2016.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5156375/>

Acesso em: 29 de dezembro de 2020.

Esta é a primeira imagem que o(a) telespectador/telespectadora depara ao abrir a reportagem na Internet. Sobre essa imagem, inicialmente, gostaria de destacar o que está posto imageticamente, que é a apresentação de uma vegetação verde e densa, na qual pessoas que compõem a reportagem caminham. Desta forma, há, de início, uma escolha importante por parte da produção da reportagem, pois indica e aponta para algo inimaginável no sertão, no sertão alagoano, uma vegetação verde e imponente, o que pode produzir curiosidades no, ou na, co-enunciador(a), atraindo sua atenção para assistir à reportagem de forma completa, ou mesmo fazer o “passeio imperdível”.

Da mesma forma, podemos inferir que, a partir das escolhas imagéticas da reportagem, pode haver quebra de expectativas quanto ao que está sendo mostrado na reportagem, na medida em que, adultos e pessoas mais idosas, podem ter constituído, em suas memórias, um sertão caricato, que não propicia um *passeio imperdível*, marcado imageticamente enquanto tão verde e com uma vegetação abundante, conforme podemos verificar na figura 10.

Outro aspecto a ser destacado aqui são os títulos da matéria, principal e auxiliar, respectivamente “Veja dica de um passeio imperdível pelo Sertão Alagoano” e título auxiliar “A repórter Catarina Martorelli mostra um passeio surpreendente para quem tem interesse por história e pela natureza”. Em termos de significação, ou seja, de arranjo linguístico, o título principal é uma sentença imperativa, pois possui como núcleo do comando um sintagma nominal, que tem como foco o substantivo “passeio”, que aparece determinado pelo artigo indefinido “um”, assim como categorizado/qualificado mediante uso de um adjetivo, “imperdível”, possuindo como complemento circunstancial de lugar o “sertão alagoano”. O título auxiliar, que funciona como complemento à chamada do título principal, é, sem seu predicado, também, um sintagma nominal, tendo como sujeito da ação a repórter Catarina Martorelli, responsável por mostrar “um passeio surpreendente”, arranjo que está para um objeto direto modificado pela categorização/qualificação do adjetivo “surpreendente”.

Em termos temáticos, a instância real da significação, temos na reportagem já inicialmente o “sertão alagoano” submetido a um processo de refratação enunciativo-discursiva, já que não seria possível imaginar um sertão “imperdível” e “surpreendente”, se recuperarmos o que se construiu historicamente sobre esse espaço. Há de se perceber, também, que não é um simples passeio, porque este aparece qualificado, caracterizado e adjetivado, enquanto “imperdível” e “surpreendente”, o que reverbera “escolhas” lexicais importantes para o fim do texto jornalístico.

Dessa forma, é importante pensar a noção de palavra e posteriormente especificamente da classe de palavras adjetivas. Conforme Santos Filho e Santos (2020), baseados nos

pressupostos da enunciação concreta, palavras são recursos lexicais que estão à disposição dos sujeitos para que estes realizem “escolhas”. Assim, o uso de palavras que compõem as enunciações é posicionamento sobre o mundo, de forma que palavras são “mobilizadas” de acordo com demandas comunicativas e conjunturas situadas. A “escolha” de palavras não é inocente, e perpassa, sobretudo, por um crivo ideológico, por uma intencionalidade por parte do enunciador.

Acerca da noção de adjetivo, temos, enquanto uma definição comum, a noção de que essa classe de palavras serve para modificar um substantivo, qualificando-o, “desqualificando-o”, acrescentando uma qualidade, uma não qualidade, uma extensão ou quantidade àquilo que nomeia, conforme Valério (2005). Ainda nesse sentido, segundo Batista (2011), processos de adjetivação ampliam de forma significativa a valoração discursiva de substantivos, na medida em que o sentido de determinado substantivo pode ser superdimensionado, a depender do objetivo de significação do sujeito em seus processos interativos. Logo, adjetivos podem, também, propiciar a reconfiguração de sentidos indexados a determinadas palavras, conforme podemos notar na reportagem objeto deste trabalho.

Conforme Valério (2005), o processo de valoração discursiva dos adjetivos se dá por parte da intencionalidade dos sujeitos em seus usos linguísticos, à medida que ao se valer de adjetivações, de qualificações adjetivas, o sujeito pretende produzir e/ou intensificar sentidos persuasivos junto à interlocução. Assim, a noção de adjetivação, o processo de ampliar o sentido de um substantivo através de adjetivo(s), compõe de forma significativa o projeto discursivo/performativo, pois, por exemplo, ao adjetivar um passeio enquanto *surpreendente*, a produção da reportagem pretende, mediante essa “escolha”, interpelar o(a) coenunciador(a) a percorrer os trajetos desse passeio que não é normal, mas qualificado enquanto *imperdível*.

Adentrando em específico à matéria jornalística, na abertura propriamente dita da matéria, a âncora do jornal introduz algumas das questões que serão abordadas no decorrer da reportagem, conforme imagens e transcrição a seguir:



Figura 11 - Introdução ao passeio imperdível

Fonte: TV Gazeta de Alagoas, 2016.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5156375/>

Acesso em: 29 de dezembro de 2020.

### Trecho 01

<p>Apresentadora: 00:00 a 00:19</p>	<p>((De frente às câmeras do telejornal ALTV 1ª edição, da TV Gazeta, a âncora dá a notícia. Ela está em pé e introduz o que será tratado na matéria. No decorrer da fala há gesticulações com as mãos)) noites geladas e aquecidas pelas fogueiras assim é o cenário no sertão do nosso estado (+) o inverno por lá / por lá / é um convite pra quem gosta de temperaturas mais baixas:: é só isso não (+) tem interesse pela história e pela natureza? também é um passeio imperdível (+) como você vai ver agora na reportagem de Catarina Martorelli (+) e Valmir Inácio</p>
---	--

Inicialmente, há de se destacar o arranjo imagético que aparece no painel de led localizado atrás da âncora do telejornal. Conforme podemos perceber, o plano de fundo que a acompanha, inicialmente, é a logomarca do telejornal, que abre passagem para imagens de uma cidade recoberta por neblina, Água Branca, no sertão alagoano. Assim, numa intercalação entre o que é verbalizado e mostrado nas imagens, é construído, ou busca-se construir, junto ao coenunciador, à coenunciadora, uma noção de que o que está sendo enunciado é verdadeiro e pode ser visualizado. A composição imagética também passa a sensação de que a temperatura baixa é o grande mote desse passeio imperdível pelo Sertão Alagoano.

Assim, podemos depreender que, de forma geral, a composição da reportagem estará repleta de atos estéticos como este, articulações multissemióticas, que reverberam um posicionamento sobre o mundo, um projeto de significação na cadeia discursiva da linguagem viva (MIOTELLO, 2020), que no decorrer da reportagem forja o passeio imperdível. Assim, a escolha das fotografias de imprensa que estão postas atrás da âncora apresenta elemento climático que não está na matriz discursiva hegemônica sobre o sertão, pois não há neblina

em um sertão calcinado. Há, então, um novo elemento no arcabouço qualificativo do sertão de passeio imperdível.

Acerca, em específico do *passeio imperdível*, pode-se perceber que as noites neste sertão não são normais, pois estas são qualificadas enquanto geladas, de tal forma que demandam aquecimentos: o inverno se torna um atrativo a ser explorado, justamente por quem gosta de temperaturas mais baixas, fato que rasura o discurso sobre o calor extremo. Na apresentação da transcrição do trecho 01, destaca-se que a questão climática não é o único atrativo deste *passeio surpreendente*, pois se você “Tem interesse pela história e pela natureza? Também é um passeio imperdível.”. Dessa forma, a composição das propriedades do passeio se dá pela articulação entre o clima e questões socioculturais, fator de destaque, pois os atrativos se voltam não somente para o clima, mas para o contexto das “vivências” históricas da cidade.

A adjetivação aparece como grande mote da fala introdutória da âncora, porque, de início, temos a qualificação de elementos que parecem pertencer a outro sertão que não o da matriz discursiva hegemônica, de modo que, pensar em noites geladas no sertão perpassa por um processo de refratação discursiva, de quebras nos elos, nas cadeias enunciativo-discursivas que forjam sentidos sobre essa região. Assim, podemos afirmar que a “escolha” de adjetivos e dos processos de adjetivação compõem elementos estão para a “construção” de um novo sertão.

Há de se destacar, também, o trecho “o inverno por lá é um convite para quem gosta de temperaturas mais baixas”, pois, temos aí outro elemento significativo, a presença de um inverno no sertão que fora enunciado durante tanto tempo enquanto seco e de um calor calcinante. Há ainda o uso do advérbio de intensidade *mais*, que reafirma e potencializa, ao mesmo tempo, que este inverno, neste sertão, possui temperaturas *ainda mais baixas*. É um arranjo linguístico-discursivo que forja, tematicamente, outro sertão, abalando noções cristalizadas, que podem, inclusive, produzir sentidos de grande impacto ao coenunciador, à coenunciadora, que tenha se deparado somente com a construção discursiva arrogante que forjou o sertão enquanto uno.

Podemos ainda destacar, de modo específico, os gestos corporais utilizados pela âncora no decorrer de sua fala, gestos que, no momento em que enuncia adjetivos e qualificações sobre esse passeio surpreendente, parece apresentar esse “novo” sertão, o “abrindo”, gestualmente, para conhecimento, elementos estes que confluem, também, com a entonação da voz utilizada por ela, que, ao falar sobre as temperaturas *mais baixas*, alonga o S

do adjetivo, intensificando, na oralidade ainda mais a qualificação que está sendo feita acerca do elemento climático invernal.

A âncora, ao resumir o conteúdo que será apresentado, passa o turno de fala para a repórter, que inicialmente, busca situar a cidade de Água Branca no geoespaço do estado de Alagoas. Mas, antes de adentrar especificamente, ao que é dito linguisticamente, é importante destacar as fotografias de imprensa que foram utilizadas. De início, é apresentada imagem, em vídeo, panorâmica da cidade, inicialmente focalizando no centro da cidade e, posteriormente, desfocando para demonstrar que a cidade é situada, “encravada”, entre serras e que dispõe de vegetação verde e pujante, outro ponto a se destacar, pois a vegetação verde e de tons fortes, tergiversa das noções de um sertão seco, fadado à imobilidade, ou mesmo em desordem natural, tal qual enunciavam o(a)s camponês(a)s pobres nortistas do séc. XIX (ALBUQUERQUE Jr., 2014).

Assim, pode-se afirmar que, da mesma forma a qual processos de nomeação e adjetivação dos camponeses e das camponesas nortistas foram importantes para alimentar o raptó e forjar um conceito hegemônico sobre o sertão, estes mesmos processos de nomeação de “novos” elementos no sertão contemporâneo, assim como, sobretudo, a adjetivação, possuem fundamental importância para refratar a matriz discursiva hegemônica, forjando um outro sertão.



Figura 12 - Situando geograficamente Água Branca - AL  
Fonte: TV Gazeta de Alagoas, 2016.  
Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5156375/>  
Acesso em: 29 de dezembro de 2020.

Em seguida, a repórter Catarina Martorelli aprofunda a descrição de algumas peculiaridades do sertão, da cidade de Água Branca, numa alternância entre áudios e imagens que se sobrepõem, de forma que, o que é enunciado “representa” ou busca construir apresentado através de imagens, conforme podemos perceber através das imagens e transcrições a seguir:



Figura 13 - O sol preguiçoso e a neblina no Sertão

Fonte: TV Gazeta de Alagoas, 2016.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5156375/>

Acesso em: 29 de dezembro de 2020.

## Trecho 02

Repórter: 00:20 a 00:36	((A repórter Catarina Martorelli dá informações sobre a localização geográfica da cidade de Água Branca, inicialmente somente o áudio da repórter surge, a câmera mostra somente aspectos da paisagem)) Água Branca fica a 302 quilômetros da capital Maceió (+) aqui o sol nasce preguiçOSO (+) a neblina cobre a cidade (+) difícil acreditar que estamos no serTÃO alagoano:: onde a temperatura mínima já chegou aos 12 graus
----------------------------	--

A repórter, inicialmente, somente verbaliza informações acerca da localização geográfica, situando o(a) coenunciador(a) geograficamente a perceber onde está a cidade de Água Branca em relação à capital, Maceió. Toda a verbalização dos 16 segundos de reportagem, referentes ao trecho transcrito acima, é acompanhada por imagens que corroboram o que está sendo enunciado. Assim, quando a repórter fala em um “sol preguiçoso”, logo é mostrada a imagem do sol nascendo realçado por uma neblina intensa; à medida que afirma que “a neblina cobre a cidade”, a imagem mostra a paisagem da cidade recoberta por neblina intensa, promovendo, ou buscando promover, a sensação de que de fato é um clima extremamente frio.



Em termos linguísticos, as escolhas lexicais apontam para qualificações outras acerca de símbolos determinantes em torno da construção discursiva histórica do sertão, a exemplo de um “sol preguiçoso”, na qual há a informação para o(a) coenunciador(a) de que não existe, no sertão alagoano, um “sol insuportável” ou mesmo um “ambiente inóspito”. Assim, podemos afirmar que há um processo de refratação discursiva, na medida em que ocorre um rompimento com a cadeia discursiva que significa o sertão enquanto inóspito, pois o que existe não é um “sol calcinante”, mas “moroso”. Talvez seja uma caracterização extremamente oportuna em virtude do contexto de frio que é “apresentado”.

No trecho 02, constatamos a presença significativa de nomeação, processo pelo qual se categoriza elementos constitutivos das experiências dos sujeitos, cristalizando-as em signos linguísticos: as palavras (BIDERMAN, 2014). A nomeação reside aí na apresentação de “novos” elementos pertencentes à estruturação geográfica e climática do sertão, a exemplo da “neblina que recobre a cidade”, experiência, ou melhor, elemento que não constava, por exemplo, na enunciação, nas experiências, da ciência e do discurso científico acerca do clima sertanejo ao final do séc. XIX.

Assim, neste sertão alagoano, de passeio imperdível, há, da mesma forma que no trecho 01, processos de adjetivação significativos que se encarregam de reconfigurar sentidos importantes de um símbolo marcante do sertão da matriz hegemônica, o sol. Assim, o sol aparece predicado, aparece declarado, enquanto possuidor de um nascer preguiçoso, que não condiz com o sol intenso e calcinante dos estereótipos. Desta forma, à medida que o sol tem seus efeitos marcantes atenuados, estreitados, num local onde a temperatura mínima já chegou aos doze graus, a adjetivação, por um lado atenua sentidos sobre o sol, símbolo marcante da região, ao mesmo tempo em que potencializa e amplia sentidos sobre o frio, este mesmo frio que não existe na matriz discursiva hegemônica. Este é um dado importante, pois a nomeação de um fenômeno climático “inexistente” não bastou, já que seus sentidos precisaram ser ampliados para “contar” esse outro sertão.

Ainda sobre o sol preguiçoso, devemos nos atentar da mesma forma, à entoação enfática utilizada pela repórter ao adjetivar o nascimento do sol enquanto “preguiçoso”, porque isso revela que o recurso da oralidade também fora utilizado para ampliar os sentidos de atenuação dos efeitos do sol desse sertão. Isso é significativo, pois revela, também, que além de apagar o sol da matriz discursiva hegemônica em torno do sertão, a reportagem ainda atenua, apagando e controlando, em alguma medida, os sentidos que porventura pudessem vir a ser produzidos se fosse enunciado algo sem qualificações sobre esse sol, nesse (outro) sertão.

Ainda em referência ao trecho 01 da transcrição, deve-se destacar, também, a fala da repórter quando argumenta que “é difícil imaginar que estamos no sertão alagoano”. Nessa enunciação, podemos perceber que a fala da repórter está impregnada, povoada, por enunciados anteriores, pois somente “é difícil imaginar que estamos no sertão” em virtude do que se forjou discursivamente acerca dessa territorialidade, ocorrendo dificuldade em confrontar especificidades complexas da geografia e clima, com o discurso arrogante (ALBUQUERQUE Jr., 2011) da estereotipia, que vislumbra tão somente o sertão enquanto uno, independente de distância territoriais ou das próprias práticas culturais. Quanto a este aspecto, a entoação da repórter na palavra “serTÃO” revela uma potencialização de surpresas e uma afetação significativa. Cremos que, em virtude, das vozes e da memória discursiva social que impossibilitariam tal conjunto de nomeações, as predicções e, sobretudo, as adjetivações, sobre o sertão, reconfiguram, fissuram e abalam os sentidos em torno dessa territorialidade.

Assim, corroborando com Valério (2005), compreendemos que o processo de adjetivação é uma “escolha” do sujeito para produzir sentidos desejáveis na “chamada à ação”, no projeto discursivo, que possam produzir poder vinculante, um ato performativo.

Em etapa posterior, a repórter aparece em destaque, narrando mais especificidades da cidade, conforme podemos ver a seguir:



Figura 14 - Apesar do frio cortante, um passeio imperdível

Fonte: TV Gazeta de Alagoas, 2016.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5156375/>

Acesso em: 29 de dezembro de 2020.

### Trecho 03

Repórter:  
00:36 a 00:51

((a repórter continua a fornecer dados acerca da localização geográfica e sobre clima da região. Ela está localizada no ponto

	<p>mais alto da cidade, agasalhada e com expressões de frio)) Esse é o ponto mais alto do município (+) fica a pouco mais de 700 metros acima do nível do mar (+) aqui de cima dá até para ver outras cidades como Paulo Afonso - por exemplo - na Bahia:: e apesar desse frio cortanTE :: é impagável poder testemunhar (+) esse espetáculo da natureza</p>
--	--

O arranjo imagético novamente corrobora o que é verbalizado pela repórter, na medida em que quando ela tece considerações sobre o clima, as imagens passam a sensação de “verdade”, assim como a própria escolha das roupas da repórter e seus gestos corporais, tais quais movimentos lateralizados com a cabeça, mãos nos bolsos e ombros retraídos, elementos que indicam um frio intenso, da mesma forma que a busca da repórter em produzir movimentos que a aqueçam em alguma medida. Todas estas questões se dão sob a luz do *sol que nasce preguiçoso* e numa cidade que está recoberta *pela neblina intensa*. De acordo com a matriz discursiva hegemônica, é possível pensar em usar agasalhos no sertão das Alagoas ou mesmo se aquecer com movimentos corporais? Desta forma, o arranjo multissemiótico da matéria aponta para indexar (BAZERMAN, 2015) novos sentidos à territorialidade, ao clima, ao sertão.

Novamente, a reportagem recorreu aos recursos de nomeação e adjetivação de novos elementos para construir este “outro” sertão, pois na matriz discursiva hegemônica, construída em torno do sertão seco e ensolarado, não há espaço para frio. Há, então, a nomeação de um “novo” elemento no sertão, o frio. É importante destacar que somente o processo de nomeação deste elemento não bastou para a reportagem, sendo necessário recorrer à adjetivação, uma “escolha” que aparece para potencializar os sentidos de frio de maneira “hiperbólica”. Podemos inferir estes dados, inclusive pela entoação da repórter, que ao enunciar a adjetivação ainda entona a última sílaba de “cortanTE” de forma mais veemente, de forma que a oralidade corrobora e amplifica, ou busca amplificar, os sentidos da qualificação promovida no projeto discursivo.

Fazendo uma rápida busca pelo termo “sertão” no Google, logo deparamos com uma série de imagens que versam tão somente sobre aridez, “seca”, sol calcinante, terra rachada e demais elementos imagéticos que constituem o arcabouço da memória discursiva social em torno do sertão hegemônico, uno e fadado à imobilidade, elementos com os quais a reportagem rompe de forma determinante por meio da refração da matriz hegemônica. Mas, prosseguindo com o argumento, dentre estas imagens do sertão estereotipado, a que trago a seguir me chamou a atenção:



Figura 15: “de sertão a deserto”

Fonte: Revista IstoÉ, 2010, disponível em [https://istoe.com.br/89716\\_DE+SERTAO+A+DESERTO/](https://istoe.com.br/89716_DE+SERTAO+A+DESERTO/)  
Acesso em 10 de janeiro de 2021

Esta imagem está postada em matéria jornalística da Revista IstoÉ, lançada no ano de 2010 e atualizada em 2016, intitulada “De sertão a deserto”. Destaco esta matéria, porque percebemos que a reportagem da IstoÉ se vale do processo de nomeação, para, neste projeto discursivo, construir a compreensão de que o sertão estava “passando” a se tornar deserto, potencializando de forma determinante os sentidos em torno da “seca no sertão”. Assim, comparando a matéria e a reportagem em análise, percebemos que os recursos linguísticos da nomeação e adjetivação são importantes para construir, alimentar e manter o sertão da “seca”, mas são importantes, também e sobretudo, para refratar esta cadeia discursiva mediante a nomeação de novas experiências neste território.

Aqui, na mesma esfera discursivas, mas em gêneros discursivos que possuem suas especificidades. Podemos perceber a contraposição, o contraste entre dois sertões, um calcinado e territorialmente marcado pela “seca”, quase desértico, do outro, um sertão de verde pujante, de vida, de um *sol que nasce preguiçoso*, de uma cidade que é recoberta por neblina e possui, ainda, um novo elemento, *um frio cortanTE*. O sertão da reportagem jornalística da TV Gazeta de Alagoas é construído em torno da “apresentação” ou “atribuição” de novos elementos ao território, quais sejam, o frio e a possibilidade de passeio onde antes não se poderia imaginar visitas que não fossem em missões humanitárias, de acordo com a matriz hegemônica (ALBUQUERQUE Jr., 2017). Assim, da mesma forma que

não era possível pensar em um *passeio imperdível pelo sertão alagoano*, não se poderia pensar em *em frio*, e, sobretudo, em um frio *cortante*. Assim, a reportagem televisiva, mediante processos de refratação, de quebras da matriz discursiva hegemônica, dissolve o conceito de sertão proposto e alimentado pela IstoÉ, por exemplo. Desta forma, não há na enunciação da repórter um simples frio, mas um fenômeno climático “afiado”, “lancinante”, ocasionado pelas baixas temperaturas, que vão compondo uma série de atrativos para um **“passeio imperdível pelo sertão alagoano”**.

Neste trecho 03, momento em que a repórter situa geograficamente a cidade de Água Branca, contextualizando algumas questões ao coenunciador, à coenunciadora, a nomeação e a adjetivação “saltam aos olhos”, de maneira, que neste primeiro momento, a reportagem parece construir uma narrativa, um outro sertão, sobretudo a partir destas “escolhas” linguístico-discursivas, ou melhor, a partir destas estratégias linguístico-discursivas, de forma que não bastou à reportagem somente a nomeação de novos elementos constitutivos das experiências do sujeito com o local, mas a amplificação de sentidos mediante processos de adjetivação e entoações na oralidade. Penso que um dos motivos que leva a reportagem a potencializar de tal forma alguns elementos, tal qual o *frio cortante*, é o poder da matriz discursiva hegemônica e o que se construiu historicamente sobre o sertão, de forma que, estruturar novos elementos somente mediante a refratação nominativa não impactariam o coenunciador a realizar o *passeio imperdível*, ou mesmo pensá-lo e compreendê-lo enquanto imperdível e surpreendente.

Acerca do clima, deste frio cortante que é enunciado, a reportagem traz, na sequência, fala de um especialista no clima da região, a pessoa, responsável justamente pela “coleta” dos dados meteorológicos da região, conforme podemos perceber a seguir:



Figura 16 - O clima e um “outro” sertão  
Fonte: TV Gazeta de Alagoas, 2016.  
Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5156375/>  
Acesso em: 29 de dezembro de 2020.

#### Trecho 04

Repórter: 00:59 a 01:23	(( a repórter traz a fala de especialista do clima da região para trazer alguns dados climáticos do município )) quem é craque em observar esse tempo (+) por aqui é o seu Antônio (++) ele vem a essa estação meteorológica de domingo a domingo :: dia e noite (++) cada observação é registrada e encaminhada ao instituto nacional de meteorologia.
Meteorologista	juntando a leitura dessa estação (+) com a de outra estação (++) com a de outra estação (+) aí eles // vão fazendo a previsão do tempo (+) eu já colhi doze graus (+) e já colhi trinta e nove graus - também - nesse período de junho (+) a agosto

No decorrer deste trecho, a reportagem recorre ao morador e especialista no clima de região para tratar e relatar de forma técnica como faz a coleta de dados da temperatura, assim como quais as temperaturas marcantes que já foram colhidas, tais quais os doze graus, no inverno, e os trinta e nove graus de máxima. Assim, como ao final do Séc. XIX, a ciência teve papel determinante em sistematizar os discursos em torno da “seca” e capturar o sertão (ALBUQUERQUE Jr., 2017), fica evidente que, dadas às devidas proporções, a reportagem precisava trazer dados científicos para corroborar o processo de nomeação e adjetivação em torno dos novos elementos climáticos postos em torno do sertão, de forma que a mobilização do discurso científico, atende tanto às demandas da reportagem de construir uma “verdade”, quanto de ratificar o que está sendo “narrado” e nominado de formas específicas e marcantes.

Ainda de acordo com os dados apresentados, pode-se perceber que o clima na região apresenta nuances quase que extremas, ou seja, no inverno as temperaturas são realmente baixas, dignas de um *frio cortante*, todavia, no verão as temperaturas são, também, muito quentes. Apesar disto, a reportagem opta em secundarizar tal dado, focando tão somente em nominar e, sobretudo, qualificar elementos novos neste sertão. Do mesmo modo, a reportagem também “negligência”, ou opta por apagar, os processos de estiagem, das chuvas irregulares, que são inerentes ao clima da região (SCHISTEK, 2017). Essa “escolha” ocorre em consonância com o que argumenta Hernandez, citado por Nascimento (2020), que argumenta que uma das estratégias utilizadas pela mídia é pinçar e “apagar” elementos que não são importantes para os sentidos que querem ser produzidos. Desta forma, podemos inferir que não seria interessante para a reportagem tratar acerca das especificidades, das complexidades, climáticas inerentes ao clima da região, mas focalizar somente nos aspectos relativos ao frio, à natureza e as questões socioculturais da cidade.

Prosseguindo na construção da narrativa em torno do clima, há no sertão alagoano de “frio cortante”, portanto, “noites geladas”, “noites aquecidas por fogueiras”, compondo atrativos do passeio imperdível.



Figura 17 - Noites geladas, aquecidas por fogueiras

Fonte: TV Gazeta de Alagoas, 2016.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5156375/>

Acesso em: 29 de dezembro de 2020.

### Trecho 05

<p>Repórter: 01:27 a 01:51</p>	<p>(( a repórter aborda o cotidiano noturno na cidade de Água Branca, tratando sobre as especificidades que o frio ocasiona )) as noites de inverno por aqui são de gente agasalhada e a porta de casa (+) com fogueiraS para espantar o frio (...) a cidade se recolhe cedo :: (+) do mirante do Calvário - na serra do imaláia - dá para entender o porquê (++) ouve só... o vento (+++) (( momento em que se dá destaque ao som do vento )) nesse frio será que o visitante tem o que fazer por aqui?</p>
------------------------------------	--

Na reportagem, as noites aparecem caracterizadas enquanto “geladas”, o que faz com que a cidade se recolha cedo, assim como faz com que pessoas recorram às fogueiras e a agasalhos para se aquecer. Desta forma, conforme podemos perceber desde a primeira transcrição, temos a construção de uma narrativa em torno do “passeio imperdível”, que perpassa, invariavelmente, pelas novas simbolizações, tal quais do sol, do frio e da própria noite e, sobretudo, pela questão climática, porque o clima apresentado refrata noções sobre o que se compreendeu, inclusive cientificamente, acerca das questões climáticas da região

Assim, o Sertão alagoano vai sendo ressimbolizado, rompendo com a temporalidade constitutiva, que é indexada à própria palavra “sertão”, que outrora seria tão somente pensada enquanto a região da seca, da desordem natural que impossibilitaria a vida, conforme Santos Filho e Santos (2020). Desta forma, o arranjo linguístico-discursivo e imagético mobilizado

na estruturação da reportagem fora de suma importância para assim (re)significar o sertão. O sertão estereotipado, que passou a pairar num grande tempo histórico de significação, ganhando permanência na cadeia discursiva da língua viva, impregnando sentidos à palavra sertão, tem sido refratado de forma significativa na reportagem televisiva, neste microtempo, situado em uma enunciação situada.

Conforme podemos inferir ainda nas falas introdutórias da âncora do jornal, o *passeio imperdível* é composto por uma série de atrativos que perpassam desde o clima, quase que exótico, até a oferta de atrativos culturais e históricos. Nesta senda, a reportagem chega ao "clímax", ao “ponto de virada” narrativo, quando chegamos a este trecho 05, pois nele são apresentadas as possibilidades de “fazer” coisas no sertão alagoano, tal quais as trilhas que possibilitam “desbravar” a cidade, compondo uma rede de “novos roteiros culturais que incentivam o chamado turismo de vivência”, conforme vemos a seguir:



Figura 18 - O turismo de vivência e os novos roteiros culturais

Fonte: TV Gazeta de Alagoas, 2016.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5156375/>

Acesso em: 29 de dezembro de 2020.

### Trecho 06

Repórter: 01:56 a 02:18	(( a repórter apresenta alguns atrativos da cidade, a serem feitos mesmo em meio ao frio cortante )) a região é cercada por serras - trilha ecológica não falta - são muitas as formas de desbravar as terras do município (+) os novos roteiros culturais incentivam o chamado turismo de vivência (+) (( momento em que um turismólogo trata sobre as vivências que a região oferta ))
Turismólogo:	é um passeio diferente (+) (porque) você não tá levando somente a imagem - (não) vai registrar somente a imagem - você (++) vai (+) le-var (++)consigo... um pedacinho daquela pessoa pra você (+) você conviveu com ela



Conforme podemos compreender, o grande mote narrativo da reportagem parece “desembocar” aí, no chamado turismo de experiência, pois a ressignificação do sertão possibilita a consolidação de uma nova rota de cultura e experiências. Desta forma, para corroborar com o que é apresentado, a repórter recorre novamente a um especialista, neste caso um turismólogo, que especifica e traz a questão técnica do que o passeio imperdível pode propiciar à visitação. A questão técnica novamente se faz importante para a estruturação da reportagem, sobretudo neste momento em se chega ao cerne do seu conteúdo, porque a fala de um especialista, a divulgação científica, corrobora com as noções que são apresentadas, fortalecendo, ou buscando fortalecer, a sensação de verdade junto ao coenunciador, à coenunciadora, no projeto discursivo em torno deste sertão que propicia um passeio imperdível.

No trecho 06, o processo de adjetivação novamente aparece, desta vez para enunciar o passeio enquanto *diferente*, diferenças que residem, justamente, nas especificidades de um turismo de vivência, de experiência, na zona rural do município de Água Branca, que propicia ao visitante, à visitante, carregar consigo um *pedacinho*, daquele espaço/pessoa com você. Quanto aos aspectos socioculturais que compõem os atrativos do passeio qualificado como “imperdível”, a repórter, conforme a transcrição 06, narra costumes e vivências da comunidade quilombola da Serra das Viúvas, afirmando, em determinado ponto, que “Nesta comunidade quilombola, por exemplo, o turista pode fazer uma viagem no tempo” e que ainda é possível presenciar “um tempo que parece não ter passado”, residindo nesta afirmação, um retorno discursivo que “coloca” os modos de viver como atrasados.

Na sequência, podemos perceber que a enunciação aparece permeada por vozes que compõem a cadeia discursiva que construiu o Sertão/Nordeste/Semiárido enquanto rural e, sobretudo, fadado à imobilidade, conforme argumento de Albuquerque Jr. (2017, 2019) em termos históricos, e Santos Filho (2012) em termos enunciativo-discursivos.



Figura 19 - O sertão e o tempo que parece não ter passado

Fonte: TV Gazeta de Alagoas, 2016.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5156375/>

Acesso em: 29 de dezembro de 2020.

### Trecho 07

<p>Repórter: 02:19 a 03:12</p>	<p>(( momento em que a repórter relata algumas possibilidades de vivências na serra das Viúvas, em boa parte dos momentos o que predomina é o áudio, que acompanha imagens que corroboram com as falas da narração )) nesta comunidade quilombola - por exemplo - o turista pode fazer uma viagem no tempo (+) vivenciar o trabalho do agricultor :: (+) o transporte de um tempo que parece não ter passado (+) a produção numa casa de farinha e até ouvir histórias de quem tão BEM as conhece (...) o artesanato também superou o tempo (+) é uma prática secular das mulheres do quilombo (...)</p>
------------------------------------	--

Neste momento, a fotografia de imprensa acompanha toda a narração, “mostrando” o agricultor, o transporte aos lombos de um burro de carga, imagens e narração que imprimem à ideia de algo rústico e quase exótico, de um povo que está situado na contemporaneidade, mas que mantêm modos de viver atrelado à não modernidade. No trecho 07, em específico, pode-se perceber que a reportagem, ao mesmo tempo em que refaz os sentidos referentes ao clima, mantêm a imagem do sertão rural, como terra não civilizada, na qual os sujeitos somente podem operar na ordem das tradições, do passado saudosista (ALBUQUERQUE Jr., 2019). Desta forma, ao o que o turista experiencia neste espaço é um passado remoto, onde sujeitos podem contar, rememorar histórias, deste ambiente rural, que esteve supostamente imobilizado durante todo este tempo. Assim, a *viagem no tempo*, reside, sobretudo, em uma suposta passagem que o(a) turista faz da modernidade, a exemplo da capital Maceió ou outra cidade, para conhecer um ambiente arcaico, rural, o sertão de Alagoas.

Neste trecho, podemos encontrar, também, indícios do “outro” para o qual a reportagem fala, pessoas que possuem poder aquisitivo para fazer turismo, logo, pessoas que pertencem ao perfil de audiência da emissora nas classes média e alta – AB – o que corresponde acerca de 14% da audiência. Desta forma, ressimbolizar o sertão através de nomeações e qualificações de novos elementos compõem um projeto discursivo e performativo que pretende “vender” um novo destino turístico, fazendo com o coenunciador, a coenunciador, tenha interesse, ou melhor, faça o passeio imperdível.

Assim, a composição da rede de atrativos do passeio *imperdível, surpreendente e diferente*, também perpassa, além do clima, pela compreensão de que o sertão alagoano é um lugar em que o tempo parece não ter passado, tempo que remete, sobretudo, ao período colonial, no qual o transporte era realizado sob o lombo de cavalos, assim como a produção da agricultura era, sobretudo, manual. É importante destacar que assim como nas demais transcrições como em toda a matéria, as imagens se entrelaçam aos dizeres verbais da repórter, configurando-se enquanto arranjo fotográfico que compõe de forma determinante o passeio imperdível.

Podemos perceber que metade da reportagem é destinada a construir uma narrativa em torno do clima, atribuindo novos elementos ao sertão, tal quais a neblina intensa e o frio cortante, outra metade é destinada a versar sobre os atrativos geográficos, culturais e históricos da cidade de Água Branca, Alagoas, de forma que somente o clima não bastaria para compor o passeio imperdível. Assim, conforme apontado na transcrição que segue, o passeio deve ser composto, também, por perceber a história que “paira” nas ruas da cidade, parte pela história do baronato da cidade, parte pelas passagens do rei do cangaço, que, em uma de suas invasões, atirou em vidraça que até hoje permanece quebrada em nome da preservação da memória das passagens do cangaço.

Desta forma, à medida que negligencia tratar em específico e de maneira aprofundada sobre a zona urbana da cidade, a reportagem mantém o sertão rural, apelando a um sentimento saudosista que poderia ser suplantado com a realização do passeio imperdível em um sertão de clima “sofisticado”.



Figura 20 - Atrativos do passeio imperdível

Fonte: TV Gazeta de Alagoas, 2016.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5156375/>

Acesso em: 29 de dezembro de 2020.

### Trecho 08

<p>Repórter: 03:18 a 04:13</p>	<p>(( a repórter relata alguns dos atrativos que podem ser vivenciados na região, recorrendo inclusive a especialista em turismo da região )) e por essas serras Lampião deixou mARcas :: olha a vidraça dessa casa conservada até hoje assim (+) perfurada pela bala de um disparo feito pelo bando dele num assalto (( momento em turismólogo é convidado a falar sobre a passagem de Lampião pelo município )) (...) a região tinha muitos engenhos e até hoje dá para conhecer alguns deles (+) muitos desativados (+) poucos em pleno funcionamento (+) esse restaurante que funciona em um dos engenhos produz sorvetes a base de rapaDUra (+) é :: atÉ no frio a gente abre uma exceção para terminar bem o passeio</p>
------------------------------------	--

O passeio é imperdível, ainda, por apresentar uma gastronomia importante, tal qual o “sorvete de rapadura” ou o sorvete frito, que mesmo em meio ao frio cortante devem ser provados, dada qualidade de doces que são produzidos em engenhos que ainda estão em funcionamento nas terras do Barão de Água Branca. Assim, o passeio é construído por uma série de atrativos dos quais a gastronomia também é um elemento importante, nesse sertão que também aparece sofisticado ao ponto de possuir um sorvete quente de rapadura que mescla os extremos da temperatura, o quente e o frio.

Novamente, a fala de especialistas se faz importante para corroborar o que é construído narrativamente na reportagem, de modo que o que é falado pelos turismólogos entrevistados serve de subsídio ao coenunciador, à coenunciadora, para que este/esta tome a reportagem como uma verdade incontestável, pois está permeada por falas de pessoas que vivem e estudam essas questões.

Dada a reflexão realizada, a partir das noções da LA indisciplinar, que está em busca de regularidades situadas, a partir de contextos de uma linguagem viva e em uso, podemos considerar que, no decorrer do grande enunciado da reportagem televisiva apresentada, temos uma série de regularidades, as quais podemos destacar: 01) imagens de imprensa que

confluem de forma determinante com o que é verbalizado, de forma a compor a narrativa, objetivando imprimir verdade ao projeto discursivo que é apresentado, a exemplo das imagens que trazem a neblina intensa da cidade, das nuvens recobrando o sol *preguiçoso*, assim como da vegetação verde, 2) A reportagem constrói uma narrativa composta por dois momentos: a caracterização e ressignificação do clima do sertão e a apresentação de atrativos sócio-histórico e culturais; a exemplo dos trechos 01, 02, 03, 04 e 05, que “trazem novos elementos” para o clima do sertão, tais quais o frio e a neblina, da mesma forma em que os trechos 06, 07, 08 e 09 constroem tematicamente os atrativos que propiciam o denominado turismo de experiência; 3) Nomeações e predicções de novos elementos que são atribuídos a este outro sertão, tal qual o frio intenso, neblina que recobre a cidade e temperaturas baixas, questões climáticas que outrora seriam inimagináveis no alto sertão alagoano, através de processos linguísticos que intensificam os sentidos que pretende produzir; 4) Adjetivações, qualificações e ressignificações a símbolos marcantes da matriz discursiva hegemônica em torno do sertão, a exemplo do sol **preguiçoso**, das noites **geladas**, do frio **cortante**, elementos da estrutura linguística que, utilizados estrategicamente por parte do “eu” que enuncia, visaram expandir/intensificar os sentidos propostos nos processos de nomeação. Tais dados rivalizam com o imaginário discursivo social que se estruturou referencialmente em torno do sertão, rivalizando com a matriz discursiva hegemônica.

Há de se destacar que o sertão forjado na reportagem televisiva possui uma natureza grandiosa, repleta de um verde intenso, que simboliza a própria vida. Essa construção de uma natureza grandiosa no sertão rivaliza com a hegemonia, rivaliza, por exemplo, com a reportagem da IstoÉ (2010), conforme demonstrado na figura 15, onde há uma fotografia de imprensa que busca imprimir a sensação de morte, de desordem e imobilidade do espaço, de tal forma que a imagem busca corroborar com a sensação de que o que é sertão, em virtude da “seca”, passaria, em breve, a ser deserto.

Assim, o projeto discursivo apresentado é estruturado para contar/apresentar, ou melhor, propor ao coenunciador, à coenunciadora, um passeio imperdível, repleto de atrativos que propiciam experiências importantes, sobretudo para aqueles/aquelas que possuem interesse pela história e pela natureza. Podemos inferir, pelos dados apresentados e pela composição temática da matéria, que a reportagem possui tons “propagandísticos”, tons publicitários, na justa medida em que aparenta “vender” um produto a partir de uma proposta discursiva narrada e imagetivamente formatada para passar ar de “realidade”.

Assim, o que se pode depreender, no decorrer de toda a reportagem, é que há uma espécie de hibridismo do gênero discursivo, ou seja, estaria havendo a confluência entre dois

gêneros discursivos, ou ainda a inserção de um gênero no outro (MARCUSCHI, 2006), neste caso, a propaganda está confluindo e ao mesmo tempo inserida na reportagem, haja vista que há a intenção, por parte da reportagem, de ser publicitária, de “vender”, “propagandear”, tornar um produto conhecido e fazer com que seja consumido/visitado pelas pessoas em processos de convencimento e persuasão (BARBOSA e RABAÇA, 2001), indícios que podemos encontrar, por exemplo, na pergunta situada ainda na primeira transcrição “Tem interesse pela história e pela natureza? Também é um passeio imperdível.”, que pressupõe o interesse dos coenunciadores, das coenunciadoras, em aspectos históricos e naturais da cidade, fato que motivaria a visita.

Podemos inferir que a reportagem é composta por elementos publicitários, também, sobretudo pelos arranjos linguísticos regulares que dizem respeito, às adjetivações, pois conforme Valério (2005),

Sabemos que o texto publicitário é um texto que, em geral, procura chamar a atenção das pessoas, despertar desejos nelas para que estas, interessadas pelos produtos (ou ideias) divulgados, queiram adquiri-los. Nesse processo, em que é necessário qualificar o produto (ideia) divulgado, recorre-se, muitas vezes, ao adjetivo, classe por excelência, responsável pela qualificação. (VALÉRIO, 2005, p. 11).

O passeio aparece permeado por qualificações, sejam pelos atrativos que o compõem, sejam pelas imagens que demonstram ser um passeio prazeroso e “recheado” de afazeres em um sertão verde, de vida.

Os gêneros reportagem e propaganda confluem na medida em que se busca construir narrativa em torno de novo destino turístico, neste recorte denominado de turismo de experiência, sendo que a construção de sentidos ocorre mediante secundarização, em grande medida, de aspectos que são inerentes ao clima da região, tais quais as chuvas irregulares e o calor que ocorre em variadas épocas do ano. Desse modo, podemos inferir que as estratégias do gênero reportagem, apontadas por Nascimento (2019), confluem para tornar o novo produto conhecido e, sobretudo, atrativo, mediante artifícios que buscam imprimir “verdade”, como o uso de fotografias de imprensa, depoimento de populares e de turismólogo, cuja tarefa fora apresentar “afazeres” na “terra fria do Barão”, e, sobretudo, imprimir a noção de verdade junto ao coenunciador, à coenunciadora.

Ainda quanto ao gênero reportagem e sua função social, temos uma funcionalidade majoritariamente informativo, polifônica, permeada por diversas vozes, seja da articulação discursiva histórica, sejam das vozes de especialistas que são convocados a tecer

considerações técnicas acerca de determinado conteúdo. As vozes de especialistas, populares e demais partícipes das reportagens, devem compor a “narrativa” midiática, narrativas que permeiam e passam a incorporar a vida dos indivíduos, compondo seus repertórios e sendo didáticas para influir em determinadas questões às quais estejam se dedicando a tratar às reportagens (GONÇALVES, DOS SANTOS e RENÓ, 2016).

As características fundamentais do gênero reportagem, em seus aspectos narrativos, e a influência propagandista, no hibridismo supramencionado, operam determinantemente para (re)construção do tema sertão, entendendo que o tema é a instância superior da capacidade linguística de significar contextualmente nas condições de existência da enunciação concreta (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2018 [1929]). Ou seja, nos textos orais apresentados na reportagem a significação linguística proposta mediante adjetivações e (re)categorizações de substantivos como sol e frio em locuções adjetivas, busca se efetivar enquanto significação a partir das estratégias mobilizadas que são inerentes ao gênero reportagem.

Albuquerque Jr. (2011) argumenta que o Nordeste foi inventado a partir de processos de estereotipia, série de discursos arrogantes e clichês repetitivos que constroem algo fixo a partir de olhares generalistas que forjam um *lugar-comum*. Do mesmo modo, em alguma medida, a reportagem parece se estruturar em torno, também, de um processo de estereotipia, na justa medida em que não deixa evidente que o sertão alagoano, a cidade de Água Branca, não é fria durante todo o ano. Podemos pensar, também, que a reportagem forja um clima quase que exótico, pois o *frio é cortante e as noites são aquecidas por fogueiras*, aspectos que secundarizam as especificidades e complexidades de variação do clima da região, conforme já argumentamos anteriormente.

Tal como já dissemos, compreendemos que a reportagem alimenta, em alguma medida, a noção do sertão rural, imobilizado à ruralidade, mas isso não se configura enquanto um demérito da reportagem, haja vista o poder da matriz discursiva hegemônica, assim como a necessidade de se enunciar as complexidades socioculturais e socioambientais do ambiente sertanejo. Desta forma, entendemos que a reportagem também contribui para renarrar outro sertão, com vistas a conviver com o clima, flertando com o entendimento das complexidades sociais, históricas e culturais, que constroem sentidos determinantes em torno da região de solo movente.

É importante destacar que substantivos e adjetivos possuem papel fundamental na construção de projetos discursivos, pois são através dos nomes e de suas qualificações, ocorridas mediante adjetivações, que podemos ver, por exemplo, ressignificações em torno do sertão, como no caso da reportagem. Desta forma, podemos inferir que os processos de

(re)categorizações dos substantivos como sol e frio ampliam sentidos dessas palavras, principalmente mediante locuções adjetivas que exprimem processos de polissemia lexical (BATISTA, 2011), que constroem e compõem, em articulação com a multissemiose discursiva da reportagem, nova narrativa acerca do sertão, a da convivência com o Semiárido, da organização da vida das pessoas a partir das potencialidades da terra, de uma outra realidade climática, conforme argumenta Schistek (2017).

Ademais, o sertão Alagoano, o sertão do passeio *imperdível*, aparece constituído da atribuição de novas imagens que revelam um território complexo que está permeados por especificidades de ordens climática, geográfica e histórica, o que por si rivaliza e refrata noções cristalizadas acerca do território, tal qual a noção do sertão da imobilidade, que não seria passível de produzir um passeio imperdível. Assim, há o surgimento de uma nova matriz discursiva hegemônica, pautada na convivência com o clima do semiárido, assim como compreensão das especificidades para mudanças nos modos de ser e viver dos sujeitos viventes nesta região.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse processo investigativo de pesquisa em torno de *um passeio imperdível pelo Sertão Alagoano*, há de se enfatizar que a língua(gem) não é tomada como transparente e que tampouco representa verdades sobre o mundo, ou sobre a “realidade”. De maneira oposta, entendemos que o uso da linguagem, nas diferentes áreas da atividade humana e gêneros do discurso, pretende instaurar “verdades”, pretende propor “realidades”, através da indexação de sentidos (BAZERMAN, 2015) aos diferentes textos produzidos diariamente, nos processos interativo-comunicacionais.

Desta forma, a “materialidade” linguística, a concretude da língua viva na enunciação, nos fornecem indícios, pistas discursivas e subsídios para “elucidar” o que está proposto discursivamente por parte do(a) enunciador(a), que faz uma chamada à ação, à incorporação de sentidos propostos. Nesta senda, o que obtivemos de resultados neste trabalho indica para a atribuição de novos sentidos sobre o Sertão, e, por relações de sinonímia, ao Nordeste e ao Semiárido.

Conforme discutimos, a territorialidade nordestina, ou melhor, os sentidos sobre essa região, foram estruturados historicamente a partir de matriz discursiva hegemônica que define o sertão enquanto a terra do atraso e da barbárie, para ser sucinto, um discurso estereotipado que se tornou naturalizado, produtivo e repetitivo, nas diferentes atividades da comunicação e gêneros do discurso, reverberando sentidos tidos como dados, como algo pré-existente de caracterizações partilhadas fixas e acabadas, que já “representariam” uma verdade sobre essa região. Segundo Albuquerque Jr. (2011), o “raptó” do sertão para a região enunciada como da “seca”, junto com todas as caracterizações citadas, foi fundamental para a invenção/manutenção do Nordeste, que nasceu saudosista e reacionário, e continua.

Albuquerque Jr. (2017) defende que o conceito, o conjunto de imagens partilhadas repetitivas que instauraram um lugar-comum, Nordeste/Sertão/Semiárido, precisa ser dissolvido, recriado, redefinido e, sobretudo, reenunciado. Desta forma, concordando com o proposto pelo historiador, compreendo que a pesquisa desenvolvida contribui de forma significativa para problematizar e refletir acerca de práticas discursivas que tomam o sertão como referente significativo e temático, de forma que contribuimos, em alguma medida, para fundar um novo Sertão, para reinventar o Nordeste.

Corroborando com a proposta de Albuquerque Jr., considero que fora de fundamental importância estar vinculado ao GELASAL e, por consequência, aos pressupostos teóricos da LA indisciplinar, de forma que, compreendendo a produção de conhecimento vinculada à

cadeia discursiva da vida, pude, neste trabalho e de acordo com minha posição-de-sujeito delmirenses, sertanejo e nordestino, fazer gestos de pesquisa-vida que servem, por exemplo, para combater de modo potente e político, mas também afetuoso, em virtude de fazer *um passeio imperdível* nas terras as quais convivo, todo o preconceito arraigado nas estruturas de poder que estigmatizam o território e os sujeitos nele viventes. Pude, de alguma forma, contribuir para, conforme Moita Lopes (2006) e Fabrício (2006), renarrar a vida social contemporânea em suas demandas políticas e sociais, assim como desaprender determinados conceitos que estão impregnados ao termo sertão e ao território sertanejo e nordestino, por exemplo.

Acerca dos dados obtidos neste trabalho, buscando regularidades nas “escolhas” linguístico-discursivas e multisemióticas que compõem estruturalmente a reportagem televisiva e qual “mundo” de significações elas produzem, percebemos que o “sertão” alagoano aparece ressignificado na TV, a partir da proposição de novos sentidos para a região, assim como pela recategorização de símbolos importantes para a cultura, a exemplo do “sol”, que, conforme enunciado na reportagem, *nasce preguiçoso*. Assim, a partir da noção de região enquanto solo movente (ALBUQUERQUE Jr., 2011), na qual os sentidos dos diferentes territórios não estão prontos ou acabados, da mesma forma que estão suscetíveis à atribuição de novos sentidos, compreendemos que estes novos sentidos propostos perpassam, sobretudo, por processos de qualificações, atribuições de características atrativas que constituem um *passeio imperdível*.

Ainda de acordo com a análise, a construção discursiva em torno do *passeio imperdível* perpassa por escolhas determinantes de fotografias de imprensa, que visaram “ofertar” ao coenunciador, à coenunciadora, a sensação de “verdade”, assim como “escolhas” linguísticas significativas, que, no campo do estrutural, enveredaram pelo uso recorrente de uma classe de palavras que possui por função fundamental a qualificação de nomes, o adjetivo. Desta forma, os adjetivos são determinantes na reportagem, à medida que ampliam os sentidos dos substantivos *noites*, *sol*, *passeio* e *frio*, que, respectivamente, são adjetivados enquanto, *geladas*, *preguiçoso*, *imperdível* e *cortante*, refratando determinados sentidos históricos, pois o sol, por exemplo, não é calcinante.

Devemos destacar, também, como uma regularidade discursiva importante, os processos de nomeação de “novos” elementos climáticos outrora não pertencentes ao sertão da imobilidade de clima, tal qual o frio e a neblina intensa que recobre a cidade. Estes processos de nomeação são intensificados pela predicação e adjetivação, estratégias

linguístico-discursivas importantes para que o projeto discursivo logre êxito junto à coenunciação.

Nesta perspectiva, esses dados nos indiciam e fornecem subsídios para perceber que a reportagem televisiva passou por uma "hibridização", captando características do gênero discursivo publicitário, pois, conforme Valério (2005), adjetivos são “escolhas” linguístico-discursivas por excelência publicitárias, porque, a medida em que há demanda pela venda de um produto, a publicidade se valerá de qualificações acerca de dado objeto, através da atribuição de sentidos positivos para ao bem/serviço, objetivando, por óbvio, possuir poder vinculante junto à interlocução, ou seja, fazer com que coenunciadores comprem tais produtos.

Assim, a atribuição de novos sentidos que refratam o conceito sertão, perpassam, sobretudo, pela venda de um produto em um horário nobre da TV Gazeta de Alagoas, o chamado turismo de vivência, e, mais especificamente, os novos atrativos e rotas socioculturais que são ofertados no sertão alagoano. Há de se destacar que não ocorre desabono às intenções da matéria, pois elas contribuem, em alguma medida, para repensar o sertão, para, na cadeia discursiva da vida, produzir novos sentidos sobre a região, que é marcada por estigmas. A própria apresentação de atrativos e novas rotas culturais, gastronômicas e históricas, evidenciam uma região de complexidades, um sertão diverso, que se distancia do discurso arrogante e repetitivo dos estereótipos, pois apresenta especificidades de um território que não é uno, universal, e que está para todo o Nordeste.

Nestes processos de ressimbolização do sertão, o gênero discursivo reportagem televisiva, seus objetivos e funcionalidades, teve papel determinante, pois a necessidade de “vender” um “novo produto”, através da construção de um projeto discursivo em torno de atrativos no campo da simbologia e do enunciativo-discursivo, ocasionou o apagamento, em alguma medida, da temporalidade constitutiva que está impregnada à palavra sertão, assim como ao território sertanejo, que não está mais para um “solo ardente como fogueira de São João”, mas para um sertão *imperdível*, de *noites geladas e aquecidas por fogueiras*, em virtude de um *frio cortante* e de um *sol que nasce preguiçoso*, elementos pertencentes ao arcabouço de atrativos de um *passeio imperdível*.

Por fim, parafraseando o brilhante título do Projeto do GELASAL vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, ciclos 2019-2020 e 2020-2021, “Faça chuva ou faça sol, há vida”, no alto sertão das alagoas, no sertão nordestino, há um território diverso, complexo e cheio de potencialidades, que podem fundar novos modos de vida pautados na convivência com o clima do semiárido.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. **O sertanejo: romance brasileiro**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1875.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. A Poesia do Sol: O Discurso Popular sobre a Seca. In: SILVA, Gean Carlo de Melo; GOMES, Gustavo Manoel da Silva (orgs.). **Memória, História e Cordel em Alagoas: Teorias, Práticas e Experiências**. Maceió: EDUFAL, 2014. p. 61 - 68.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. As Imagens retirantes: a constituição da figurabilidade da seca no final do século XIX e do início do século XX. **Revista Varia História**, Belo Horizonte, nº 61, vol. 33, p. 225-251, jan/abr 2017.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. O Rapto do Sertão: A Captura do conceito de sertão pelo discurso regionalista nordestino. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, nº 25, p. 21-33, maio/nov 2019.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **Identidade, tolerância e construção de Nordeste**. Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória. Acesso em 10 de janeiro de 2021, <<https://www.youtube.com/channel/UC77xWDUbBWtMaUm4XqvcNnA>>.
- BARBOSA, Lirane dos Santos. O Sertão dicionarizado. In: SANTOS FILHO, Ismar Inácio (org.). **Nordeste/Sertão/Semiárido: A manutenção discursiva da estereotípia um estudo em Linguística Aplicada**. No prelo.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. 5.ed. Rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os Gêneros do Discurso**. São Paulo: Editora 34, 1ª ed. (2º reimpressão), 2019.
- BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre Literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo - SP, Editora 34, 2017.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *A palavra e a sentença* – estudo introdutório. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BAZERMAN, Charles. **Retórica da ação letrada**. São Paulo, Parábola Editorial, 2015.
- BAZERMAN, Charles. **Teoria da ação letrada**. São Paulo, Parábola Editorial, 2015.
- BRAIT, Beth. O texto nas reflexões de Bakhtin e do Círculo. In BATISTA, Ronaldo de Oliveira (org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 13-30.

Biderman, M. T. C. (2014). A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. *Letras De Hoje*, 22(4). Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/17049>. Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

BOHN, Hilário I. Ensino e aprendizagem de línguas: da eficiência à reflexão crítica e ética. *In: MOITA LOPES, Luiz Paulo, Linguística Aplicada na Modernidade Recente*. São Paulo - SP, Parábola Editorial, 2013, p. 79-69.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador – introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário Portuguez e latino**. Lisboa: Na Officina de Pascoal da Sylva, Volume 07: Letras Q-S, 1720.

NEVES, Frederico de Castro. **A miséria na literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará**. Tempo [online]. 2007, vol.11, n.22, pp.80-97, disponível em < <https://www.scielo.br/pdf/tem/v11n22/v11n22a05.pdf> >. Acesso em 12 de dezembro de 2020.

CAVALCANTI, Jéssica Santos. **A ressimbolização do Sertão em textos jornalísticos impressos. No prelo**.

DANTAS, Maria Nadine Batalha. **A seca (em Alagoas) em reportagens televisivas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Alagoas - Campus do Sertão, Delmiro Gouveia - AL, 2020.

FABRÍCIO, Branca Falabella. **Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagens”: redescrições em curso**. *In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.)*. Por uma linguística aplicada indisciplinar. São Paulo - SP, Parábola Editorial, 2006. p. 45-63.

GONÇALVES, Elizabeth Moraes; SANTOS, Marli dos; RENÓ, Denis Porto. **Reportagem: o gênero sob medida para o jornalismo contemporâneo**. Chasqui. Revista Latinoamericana de comunicación. Ecuador: CIESPAL, n° 130, p. 223 - 242, diciembre 2015 - marzo 2016.

JULIÃO, André. **De sertão a deserto**. Disponível em: < [https://istoe.com.br/89716\\_DE+SERTAO+A+DESERTO/](https://istoe.com.br/89716_DE+SERTAO+A+DESERTO/) >. Acesso em 10 de janeiro de 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. *In: MARCUSCHI, Luis Antônio. XAVIER, Antônio Carlos. Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 13-67.

MIOTELLO, Valdemir. **A literatura como forma de compreensão da vida**. Literatura de Quinta, 2020. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=FIVIROni3Nc> >. Acesso em 12 de dezembro de 2020.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. A pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. *D.E.L.T.A*, vol. 10, n° 2, p. 329-338, 1994.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos constructos que têm orientado a pesquisa. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo - SP, Parábola Editorial, 2006. p. 45-63.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo - SP, Parábola Editorial, 2006. p. 45-63.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos constructos que têm orientado a pesquisa. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo - SP, Parábola Editorial, 2006. p. 45-63.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Introdução. Fotografias da Linguística Aplicada brasileira na modernidade recente: contextos escolares. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Linguística Aplicada na Modernidade Recente**. São Paulo - SP, Parábola Editorial, 2013a, p. 15 - 39.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Pesquisa em Linguística Aplicada: entre lugares/margens, discursos emergentes e política**. Conversas - Questões de Linguagem. 2013b. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=bWFAkLwTMM8&t=16s> >. Acesso em 08 mai. 2020.

NASCIMENTO, Maria da Saúde Barros. **A notícia on-line da “situação de emergência” provocada pela seca em Alagoas: realidade criada e aspectos silenciados**. Monografia (Licenciatura em Letras - Universidade Federal de Alagoas - Campus do Sertão. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia - AL, 2019.

PENNYCOOK, Alastair. Uma Linguística Aplicada transgressiva. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo - SP, Parábola Editorial, 2006. p. 67-83.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**. São Paulo - SP, Parábola Editorial, 2003.

LIMA, Thiago da Silva. **Outras lições sobre o Sertão em livro didático**. No prelo.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; BARBOSA, Jaqueline. **Hipermodernidade, Multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. São Paulo - SP, Companhia das Letras, 2019.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio. **A construção Discursiva de Masculinidades Bissecuais: um Estudo em Linguística Queer**. Recife: O Autor, 2012a.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio. **Do dialogismo Bakhtiniano: Interdiscurso e Intertextualidade**. O Autor, Arapiraca: UNEAL, 2012b.

SANTOS FILHO, ISMAR INÁCIO. **LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO**. NATAL - RN: EDUFRN, 2016.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio. **Processos de pesquisa em linguagem, gênero, sexualidade e (questões de) masculinidades**. Recife - PE, Editora Pipa Comunicação, 2017.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio. **Linguística Queer**. Recife - PE, Editora Pipa Comunicação, 2020.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio; SANTOS, Hugo Pedro Silva dos. **As palavras na berlinda: “Os Retirantes do coronavírus” / “o novo êxodo nordestino” [o linguístico, o histórico e o geográfico, no político]**. No prelo.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio; SANTOS, Hugo Pedro Silva dos; CAVALCANTI, Jéssica Santos. **Estudos Linguístico-discursivos de Práticas discursivas sobre o Sertão/Semiárido/Nordeste**. In. FERREIRA, Bruno... [et al.]. Monitoria UFAL: Conectando experiências. Maceió - AL: PROGRAD, Pró-reitoria de graduação, 2020.

SANTOS, Hugo Pedro Silva dos; CAVALCANTI, Jéssica Santos; LIMA, Thiago Silva; SANTOS, Simone Souza. **Tessituras enunciativo-discursivas sobre a chuva (no sertão): da morte à vida, no “Inverno”, de Jorge de Lima**. No prelo.

SANTOS, Rakel Teodoro dos. **Na “seca”, a chuva: a alegria do(a) sertanejo(a) alagoano(a) postada em vídeos pessoais**. Monografia (Licenciatura em Letras). Delmiro Gouveia - AL, 2019.

SCHISTEK, Haroldo. O desconhecimento da caatinga e o mito da seca. [entrevista concedida a] Ricardo Machado. Revista IHU on-line, Nº 500, ano XVII, 2017, p. 46-51;

SIGNORINI, Inês. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em LA. In. Inês Signorini e Marilda Cavalcanti (Org.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade – questões e perspectivas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998, p. 99-110.

TÁVORA, Franklin. **O cabeleira**. 6ª edição. São Paulo: Ática, 1993.

**TV Gazeta de Alagoas**. Negócios Globo, 2020. Disponível em <<https://negocios8.redeglobo.com.br/Paginas/Exibidoras.aspx?e=56>>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

VALÉRIO, Patrícia da Silva. **O Adjetivo sob um olhar enunciativo publicitário - a contribuição de Émile Benveniste**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Passo Fundo, 2005.

**Veja dica de um passeio imperdível pelo Sertão Alagoano**. AL TV 1ª Edição. Maceió - AL, 11 de julho de 2016. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/5156375/>> acesso em 01 de agosto de 2020.

VOLOCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2º ed., 2016.

WANDERLEI, Andrea C. T. **Marco no fotojornalismo brasileiro: a seca no Ceará é documentada com fotografias.** Disponível em: < <http://brasilianafotografica.bn.br/?p=1499> >. Acesso em 30 de dezembro.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Identidade e diferença - A perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 07 - 72.